FUGA DE DÓLARES
Saída da moeda bate US$ 35 bi em um ano com incerteza na economia e juros altos nos EUA

REFORMA TRIBUTÁRIA
Sem relator, o Congresso começa a regulamentar normas fiscais, e pressão de empresários já é sentida em Brasília

PERFIL ATUALIZADO
LinkedIn chega a 75 milhões de usuários no País, conquista a Geração Z e avança em IA

ISTOÉ Dinheiro

Accor aposta no Brasil para crescer

"O crescimento nos próximos anos virá do mercado interno, não dos visitantes estrangeiros"

THOMAS DUBAERE
CEO da Accor

Gigante francesa do setor hoteleiro aumenta em 23% suas vendas no País, onde pretende abrir 50 hotéis, com investimento de R$ 3 bilhões, além de trazer para São Paulo a marca Faena de residências de luxo. O recorde de ocupação da companhia confirma o boom do turismo nacional no pós-pandemia

A próxima revolução já começou. **E vai transformar os seus investimentos.**

Depois da revolução industrial e da revolução da informação, seu próximo investimento vai antecipar o **potencial de uma nova grande era.**

Fundo Safra Inteligência Artificial

Conheça o novo **fundo Safra Inteligência Artificial**. O investimento em que você pode ganhar a partir da alta de **empresas conectadas ou beneficiadas pela IA**, com a segurança do Safra.

Invista com o Safra.

Fale com seu gerente
e conheça mais.

Certifique-se se o produto é adequado ao seu perfil. RENTABILIDADE PASSADA NÃO É GARANTIA DE RENTABILIDADE FUTURA. QUALQUER RENTABILIDADE DIVULGADA NÃO É LÍQUIDA DE IMPOSTOS. NEM TODOS OS INVESTIMENTOS CONTAM COM A GARANTIA DO FGC, SENDO QUE FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO CONTAM COM GARANTIA DO ADMINISTRADOR, DO GESTOR E DO FGC. Consulte condições. Antes de investir, recomenda-se a leitura do formulário de informações complementares, da lâmina de informações essenciais, se houver, e do regulamento do fundo. Descrição do tipo Anbima disponível no formulário de informações complementares. Material de divulgação do SAFRA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL FIF CLASSE DE INVESTIMENTO MULTIMERCADO RESPONSABILIDADE LIMITADA, CNPJ 54.401.649/0001-43. SUPERVISÃO E FISCALIZAÇÃO: a. Comissão de Valores Mobiliários – CVM. b. Serviço de Atendimento ao Cidadãoem www.cvm.gov.br.

INÊS 249

A ARMADURA DAS DESPESAS OBRIGATÓRIAS

Há hoje no País uma discussão que não pode ser mais adiada: as despesas obrigatórias. Já há algum tempo, elas vêm engessando qualquer possibilidade de movimento do governo e, por tabela, de gestão adequada da economia. Os recursos, mesmo quando não vinculados, estão diretamente comprometidos com dívidas ou emendas. Há pouca margem de manobra, para não dizer nenhuma. Os ministros da Fazenda, Fernando Haddad, e do Planejamento, Simone Tebet, estão quebrando a cabeça para fazer surgir alternativas de receitas, quase como mágicos no picadeiro. Não tem de onde tirar tanto coelho da cartola diante, especialmente, de imprevistos como a tragédia do Rio Grande do Sul, que eleva os orçamentos federal, estadual e municipal para outro patamar de compromissos. E nem poderia ser diferente. A emergência social impõe a prioridade. Mas tirar recursos de onde quando eles estão completamente comprometidos ou vinculados?

Ninguém efetivamente quer perder sua fatia no bolo ou pagar mais impostos para ratear as demandas naturais da Nação, muito embora todos venham ao púlpito para gritar a favor do socorro financeiro emergencial aos irmãos gaúchos combalidos. No atual estágio de necessidades, decerto as despesas obrigatórias anularam espaços para gastos extras e devem aprofundar o déficit público. Não há mais margem alguma para gerir a máquina. O mercado cobra disciplina fiscal, mas não considera as circunstâncias, e não há mais de onde tirar sem flexibilizar metas. A capacidade de investimento, por exemplo, no atual momento, está quase que estrangulada por completo. E a culpa é de quem?

Em meio à rolagem de dívidas crescentes, os juros vão aprofundando o rombo. No efeito bola de neve, a taxa dos títulos públicos vai às alturas. Em uma década, nessa toada, a dívida já saltou impressionantes 23%, alcançando quase 80% do PIB em março último. Em outras palavras, é como se tudo o que o País produzisse servisse apenas para cobrir os gastos. Se fosse uma família, o Brasil estaria muito perto da insolvência contábil. E a razão para tamanho dispêndio vem principalmente das despesas obrigatórias que, no caso brasileiro, estão entre as maiores do mundo. Não é para menos. A reforma administrativa até hoje segue como uma quimera e as contas com o funcionalismo público não param de crescer. O sistema previdenciário é um outro ralo escoadouro de dinheiro e, mesmo após a última reforma, segue impagável dado o avanço geométrico dos aposentados em uma Nação que vem envelhecendo rapidamente. Saúde e Educação são outros dois focos concentradores de verbas que, em contrapartida, não oferecem a qualidade e padrão desejáveis. Some a tudo isso Bolsa Família, incentivos sociais e empresariais de toda ordem, a equação não fecha.

O debate sobre como guiar a peça orçamentária se torna premente diante de tantos desafios. Quais as escolhas que os cidadãos acham correto fazer? Para onde deve ser orientado o dinheiro que sai do seu, do meu, do nosso bolso? Despesas obrigatórias precisam estar dentro do horizonte de concordância da maioria. Atualmente, 90% do que entra no caixa da União já tem destinação específica e dirigida. Não dá para se mexer nessa armadura. Os ministros Haddad e Tebet estão tendo de gerir o mínimo de recursos para o máximo de necessidades e nessa toada do cobertor curto acaba faltando para todo mundo.

Carlos José Marques
Diretor editorial

FOTOS: MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL I CLAUDIO GATTI I GERMANO LÜDERS I DIVULGAÇÃO

Índice

CAPA Foto: Germano Lüders

Dinheironasemana

POR PAULA CRISTINA

COPOM

CAMPOS NETO AFASTA TENSÃO POLÍTICA

Depois da tensão ideológica que dividiu o time de diretores do Banco Central na última reunião do Copom, que firmou a redução da Selic em 0,25 ponto percentual (para 10,5%), após seis quedas de meio ponto consecutivas, o presidente do Banco Central, Roberto Campos Neto, afirmou que, mesmo diante da divisão, prevaleceu a visão técnica sobre a política economica. Em almoço com empresários na segunda-feira (27) na capital paulista, Campos Neto disse que o entendimento de que houve uma mudança no cenário macroeconômico foi unânime. Já a decisão pela queda, não. Segundo ele, houve uma discussão sobre se valeria a pena tomar uma decisão diferente do que havia sido anunciado na reunião anterior. Em março, o BC comunicou que promo-

MERCADO DE TRABALHO

5,4 milhões de nem-nem

Um dado preocupante para quem pensa no futuro da economia: Aumentou o número de jovens, entre 14 e 24 anos, que não trabalham, não estudam nem buscam trabalho. Se nos três primeiros meses do ano passado o contingente de jovens "nem-nem" somava 4 milhões de pessoas, no mesmo período deste ano alcançou 5,4 milhões. O levantamento foi feito pela Subsecretaria de Estatísticas e Estudos do Trabalho, do Ministério do Trabalho e Emprego. Os dados foram divulgados durante o evento Empregabilidade Jovem, promovido pelo Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE) na segunda-feira (27), em São Paulo. Cerca de 17% da população brasileira é formada por jovens entre 14 e 24 anos, que somam 34 milhões de pessoas. Desse total, 18 milhões de jovens estavam em ocupação e/ou procurando emprego no primeiro trimestre deste ano.

R$ 3 TRILHÕES

Brasil no centro da recuperação climática

O Brasil tem potencial para ser um centro global de soluções climáticas, com oportunidades de investimento que podem chegar a US$ 3 trilhões até 2050. A estimativa é do estudo Seizing Brazil's Climate Potential (Aproveitando o Potencial Climático do Brasil), divulgado na segunda-feira (27), pela Boston Consulting Group (BCG). Em relação ao potencial teórico para soluções baseadas na natureza (NBS, na sigla em inglês), o País aparece na dianteira na comparação com outras oito economias: China, Indonésia, União Europeia, Índia, Rússia, México, Estados Unidos e Austrália, que complementam, respectivamente, o ranking.

MUNDO

Indústria chinesa reage em abril

Os lucros das indústrias da China voltaram a subir em abril, enquanto o crescimento nos primeiros quatro meses se manteve estável. Foi o que informou na terça-feira (28) o Escritório Nacional de Estatística, autarquia do governo chinês. A alta indica que as políticas estatais para impulsionar a economia já mostram seus efeitos. Entre janeiro e abril houve incremento de 4,3%, sobre um ano antes. Em abril, os lucros subiram 4,0%, após uma queda de 3,5% em março. A melhoria indica "uma recuperação na demanda do mercado, apoio da política macroeconômica e a base baixa do ano passado", disse Zhou Maohua, pesquisador macroeconômico do China Everbright Bank.

 | FOTOS: RAPHAEL RIBEIRO/BCB I FREEPIK I DIVULGAÇÃO

veria um corte de 0,5 ponto percentual, mas decidiu por 0,25 em maio."Entendemos que a divisão gerou ruído. O que temos que fazer é comunicar que foi técnica. O comitê pesou o custo e benefício de se manter um guidance que tinha sido comunicado na reunião anterior e entendemos que existia espaço para mudar o guidance [diante das alterações de cenário]", afirmou. Segundo ele, há uma tentativa de politizar as decisões. "Não foi isso que aconteceu. É só mais um momento que temos que manter a serenidade, falar que foi técnico. O tempo é o melhor remédio, acho que as nossas decisões vão mostrar que são técnicas." Sobre o cenário de incertezas, o argumento do presidente do BC é de que há um aumento de anomalias climáticas em todo mundo e que isto dificulta o trabalho da autoridade monetária. O presidente do órgão disse que este tipo de acontecimento impacta diretamente as decisões monetárias, já que questões no clima podem encarecer o preço dos alimentos e de energia elétrica, por exemplo.

IPCA

Mercado eleva previsão de preços ao consumidor

A previsão do mercado financeiro para o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) – considerado a inflação oficial do país – teve elevação, passando de 3,8% para 3,86% este ano. A estimativa está no Boletim Focus desta segunda-feira (27). Para 2025, a projeção da inflação também variou de 3,74% para 3,75%. Para 2026 e 2027, as previsões são de 3,58% e 3,56%. A estimativa para 2024 está dentro do intervalo da meta de inflação que deve ser perseguida pelo BC. Definida pelo Conselho Monetário Nacional (CMN), a meta é 3% para este ano, com intervalo de tolerância de 1,5 ponto percentual para cima ou para baixo. Ou seja, o limite inferior é 1,5% e o superior 4,5%. Para 2025 e 2026, as metas de inflação estão fixadas em 3%, com a mesma tolerância. A projeção das instituições financeiras para o crescimento da economia brasileira neste ano permaneceu em 2,05%.

R$ 53 bilhões

Foi o volume negociado nos 10 meses de duração do programa Desenrola Brasil, informou o Ministério da Fazenda. Ao todo foram revistas as dívidas de mais de 15 milhões de pessoas. O resultado corresponde a um alcance de metade das 30 milhões de pessoas aguardadas inicialmente

ERRATA

Diferentemente do publicado no último parágrafo da matéria *Nova luz no mercado financeiro*, na edição 1376, a frase exata da presidente da ABBC, Silvia Scorsato foi: "*Teremos estudos isentos, imparciais. Não é porque estamos fazendo via ABBC que vai ter interferência sobre o tema. Vamos mostrar pontos favoráveis e desfavoráveis sobre o assunto, analisando cada um deles.*"

FUNDADOR: DOMINGO ALZUGARAY (1932 - 2017)

EDITORA CATIA ALZUGARAY

PRESIDENTE-EXECUTIVO CACO ALZUGARAY

DIRETOR EDITORIAL CARLOS JOSÉ MARQUES

DIRETOR DE NÚCLEO MARCOS STRECKER

REDATOR-CHEFE HUGO CILO

EDITORES: Beto Silva e Paula Cristina
REPORTAGEM: Allan Ravagnani, Jaqueline Mendes e Letícia Franco

ARTE
DIRETOR DE ARTE: Jefferson Barbato
DESIGNERS: Christiane Pinho e Iara Spina
ILUSTRAÇÃO: Fabio X
PROJETO GRÁFICO: Ricardo van Steen (colaborou Bruno Pugens)

ISTOÉ DINHEIRO ON-LINE
EDITOR EXECUTIVO: Airton Seligman
WEB DESIGNER: Alinne Nascimento Souza

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello
Assistente: Cláudio Monteiro

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566 de 2ª a 6ª feira 10h às 16h20, sábado 9h às 15h.
Outras Capitais: 4002-7334
Outras Localidades: 0800-888-2111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE - Contato: publicidade1@editora3.com.br

Diretora de Publicidade: Débora Liotti - deboraliotti@editora3.com.br; **Gerente de Publicidade:** Fernando Siqueira - Publicidade1@editora3.com.br; **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira - reginaoliveira@editora3.com.br; **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira - **Contato:** publicidade@editora3.com.br

ARACAJU – SE: Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · Tel.: (79) 3246-4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · Tel.: (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · Ia Página Publicidade Ltda. · Tel./fax: (31) 3291-6751 / 99983-1783 –**FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – Tel.: (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA –GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · Tel./fax: (51) 3388-7712/ 99309-1626

Dinheiro (ISSN 1414-7645) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda.
Redação e administração: Rua William Speers, nº 1.088, São Paulo-SP, CEP: 05067-900. Tel.: 11 3618 4200 ·
Dinheiro não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados.
Comercialização e Distribuição: Três Comércio de Publicações Ltda. Rua William Speers, 1212 – São Paulo-SP.
Impressão e acabamento: D'ARTHY Editora e Gráfica Ltda. Rua Osasco, 1086 - Guaturinho, CEP 07750-000 Cajamar - SP

INÊS 249

POR HUGO CILO

COGNA ANTECIPA AS COMPRAS PARA O INVESTIDOR VER

Os grandes grupos de educação do País não vivem os melhores de seus dias, é verdade. Mas a companhia educacional Cogna, dona da Kroton, Somos e Saber, quer provar que está financeiramente saudável. Depois de reportar lucro líquido de R$ 50,5 milhões no primeiro trimestre, queda 57% na comparação com o mesmo período de 2023, em razão da compra do Grupo Eleva, a empresa decidiu recomprar debêntures. A companhia comandada pelo CEO **Roberto Valério** informou na terça-feira (28) o resgate antecipado total da terceira série da segunda emissão, realizada em 2019, e da primeira série da sétima emissão, concluída em 2021. Os debenturistas terão direito ao pagamento do valor nominal unitário acrescido da remuneração calculada a partir da última integralização e um prêmio. Após a recompra, as debêntures serão canceladas. Com isso, Valério sinaliza que a estrutura financeira da Cogna é sólida e saudável, uma forma de tentar reverter as perdas na bolsa. O maior grupo de educação do País tem o pior desempenho da bolsa quando comparado aos seus pares do setor de educação. Desde o início do ano até o fechamento de terça-feira (28), a ação da Cogna acumula perdas de quase 45%, contra a queda de 7,8% do Ibovespa.

PROCURAM-SE OPERAÇÕES ACIMA DE R$ 100 MILHÕES

A Nello Investimentos, casa especializada no mercado de fusões e aquisições (M&A), vai ampliar a sua oferta de serviços financeiros e de investimentos com o lançamento de uma nova plataforma. A prioridade agora é dar suporte para estruturação de operações de offshore, gestão de grandes fortunas, câmbio e seguros, segundo **Cristiane Martini**, sócia e diretora da Nello Investimentos. A empresa acaba de incorporar a assessoria de investimentos Theocta Capital. "O foco é ampliar a atuação especialmente com operações acima de R$ 100 milhões", afirmou. A Nello projeta ultrapassar a marca de R$ 1 bilhão em ativos sob sua gestão, atendendo empresários e investidores de alta renda.

 | FOTOS: RAFAEL ALMEIDA | DIVULGAÇÃO

FOCO NAS **PESSOAS**

A empresária **Ana Bavon**, professora de MBA em ESG, conselheira do Pacto Global da ONU e palestrante, se diz empolgada com o crescimento da sua consultoria, a B4People. Não só pela questão financeira, mas pela sinalização positiva que o mundo corporativo tem dado à gestão de pessoas. Isso porque as empresas estão demandando cada vez mais planejamento estratégico em torno de temas como ESG, equidade, inclusão e gestão das diversidades. "As empresas têm buscado soluções práticas para se transformar", afirmou a empresária, autodeclarada neuroatípica. Em 2023, a B4People faturou R$ 2,4 milhões e projeta um crescimento de 15% neste ano.

ENERGYTECHS TÊM A FORÇA

UM LEVANTAMENTO DA DISTRITO, PLATAFORMA DE TECNOLOGIAS EMERGENTES DA AMÉRICA LATINA, MOSTRA QUE AS STARTUPS DO SETOR ENERGÉTICO ESTÃO EM ALTA NA CAPTAÇÃO DE INVESTIMENTOS

76 rodadas de investimentos foram mapeadas entre 2021 até abril de 2024

US$ 750 MILHÕES foram captadas pelas startups do setor de energia na América Latina

80% das energytechs que receberam os investimentos na região estão no Brasil

US$ 605,9 MILHÕES levantados em 61 rodadas vieram para as energytechs brasileiras

US$ 346,9 MILHÕES foram para a startup brasileira de energia solar Órigo, a líder do ranking

347 empresas do setor mapeadas na região latino-americana estão ligadas à energia renovável

Fonte: Distrito

VALECARD FAZ PARCERIA COM **MASTERCARD**

Em um mercado cada vez mais concorrido, a ValeCard, uma das líderes em benefícios corporativos no País, fechou parceria com a MasterCard para oferecer também bandeira aberta. A aliança deve ampliar a aceitação dos cartões Vale Refeição (VR) e Vale Alimentação (VA) da empresa, hoje com mais de 40 mil clientes corporativos. A ValeCard prevê investir R$ 50 milhões em tecnologia e inovação até o final de 2024. A empresa projeta um crescimento de 15% no faturamento em relação a 2023, quando transacionou R$ 4 bilhões, segundo o CEO **Alan Ávila**. "O objetivo é aumentar a capilaridade e atender às novas demandas do mercado, transformado por mudanças regulatórias, que impuseram regras mais restritivas e trouxeram uma nova dinâmica competitiva."

POR MAIS **INOVAÇÃO** NO SETOR FINANCEIRO

A HSM, um dos maiores ecossistemas de educação corporativa do País, e a Federação Nacional de Associações dos Servidores do Banco Central (Fenasbac) firmam um acordo de cooperação técnica para incentivar o desenvolvimento da cultura de inovação no setor financeiro. A ideia é estimular o lançamento de novas tecnologias, assim como ocorre com Pix, Open Finance e Drex. "Nossos debates tomarão uma nova proporção e os estudos científicos terão um novo alcance, impulsionando o desenvolvimento sustentável do setor financeiro", disse **Reynaldo Gama**, CEO da HSM. "É muito importante que os líderes e profissionais do mercado conheçam profundamente o potencial dos principais avanços tecnológicos para que se mantenham relevante."

ENTREVISTA | **Roberto Mateus Ordine**, presidente da Associação Comercial de São Paulo

"Na Reforma Tributária, o que era simplificação virou transtorno"

Dirigente da principal associação do setor de comércio do País critica as mudanças fiscais que foram aprovadas no Congresso. Para ele, a carga de impostos permanecerá excessiva

Beto SILVA

Uma tragédia. É assim que Roberto Mateus Ordine define a Reforma Tributária que foi aprovada pelo Congresso e que tem seus detalhes desenvolvidos pelo Ministério da Fazenda. "Foi o maior desgosto da minha vida." Ele fala com propriedade. Advogado, especialista em Direito Tributário pela Universidade de São Paulo e pela Cornell University (EUA), acompanha o processo de mudanças fiscais desde 1989. E foi juiz do Tribunal de Impostos e Taxas do estado de São Paulo. À frente da maior e mais representativa associação comercial do País, Ordine também fala em entrevista à DINHEIRO das ações da entidade, de economia, do humor do consumidor e dos desafios do Brasil.

DINHEIRO – Como o senhor vê o projeto da Reforma Tributária?

ROBERTO MATEUS ORDINE

Para mim, foi o maior desgosto da minha vida. Porque acompanho a Reforma Tributária desde 1989, pelo IBDT [Instituto Brasileiro de Direito Tributário]. Tudo que não podia acontecer, aconteceu nessa Reforma. Aquilo que era simplificação virou transtorno. Imagina para o pequeno empresário ter durante dez anos duas contabilidades: a atual, que vai parar quando a nova regra fiscal ficar completa; e a nova, que já começa a partir do ano que vem. É uma tragédia. Dizem os entendidos que teremos uma boa surpresa com a simplificação do IBS [Imposto sobre Bens e Serviços] e da CBS [Contribuição sobre Bens e Serviços]. Talvez. Eu tenho ressalva. Não reduziu a carga tributária. A alíquota será acima de 25% e pode chegar a 30%. Teve muitas isenções. Vai ser o maior IVA [Imposto sobre Valor Agregado, que vai agregar vários impostos em um único] do mundo. Na Europa é 10%. Em alguns países da América Latina chega a 15%. No Brasil começa com 25%, e não é só isso. Os setores menos articulados, com menor ação lobista, vão pagar mais. É o caso do comércio e serviços. Vai haver uma transferência de carga tributária muito pesada para o comércio e para os serviços. Nas empresas pequenas ligadas ao Simples, ninguém sabe exatamente onde vai parar.

Faltou uma ação mais efetiva da classe comercial para conseguir amenizar a carga na Reforma Tributária?

Talvez tenha faltado, porque foi surpreendente a força com que a indústria entrou nesse jogo. E mais surpreendente ainda foi a maneira como a PEC 45 [que altera o sistema tributário nacional] foi votada. Nós, até o último dia antes da votação, tínhamos a esperança de que não fosse votada. Esse foi um erro. Nós sempre lutamos contra essa Reforma. Queremos a Reforma, mas não dessa forma. Políticos que vieram aqui, inclusive dirigentes da Câmara Federal e senadores, disseram que não iriam votar, pois iriam aguardar. Fomos até mais inocentes do que deveríamos ser.

> "A Reforma não reduziu a carga tributária. A alíquota será acima de 25% e pode chegar a 30%. Teve muitas isenções. Vai ser o maior IVA do mundo. Na Europa é 10%. Em alguns países da América Latina chega a 15%"

Vai bagunçar mais a economia?

É preocupante. Vai superonerar o setor de serviços e comércio. Dizem que, com a simplificação, ficará melhor. Eu, na minha idade [82 anos] e desde que eu trabalho, há quase 60 anos, nunca vi nenhuma alíquota diminuir. Só vi aumentar.

Como observa o projeto de renegociação de dívidas Desenrola Brasil e a maior oferta de crédito atual?

Tem um movimento para proibir o uso de cartão de crédito para apostas esportivas on-line. Eu faço a mesma ressalva para a oferta de crédito atual. Não vejo isso com bons olhos, que vai contra o comércio, porque vai vender mais. Explico: uma oferta de crédito com um padrão de ganho do brasileiro não é bom, porque lá na frente pode estourar.

Juros altos e inflação têm atrapalhado o comércio?

O Banco Central está fazendo o possível. Mas é preciso aprofundar a concorrência bancária, que é o caminho para ter juros mais civilizados. Quando a inflação estava em torno de 84% ao mês, a taxa de juros também era estratosférica. Por que os juros ainda são tão altos se a gente já tem uma inflação de um dígito há bastante tempo? Tem um problema de concorrência. Com a Reforma Tributária vai ter desoneração do setor financeiro, mas se não tem concorrência isso não é repassado ao cliente final. Os juros vão ficar maiores por mais algum tempo. E o consumo tem aumentado. E isso também aumenta os preços.

O Índice de Confiança do Consumidor, da FGV, tem registrado instabilidade. A que se deve o mau humor dos consumidores?

Apesar de o panorama geral ser positivo, os itens básicos estão caros, as famílias estão endividadas. Existe um aperto financeiro. A classe média do meu pai não é a minha classe média. Eu fico imaginando uma família, com dois ou três filhos, quanto ele precisar ganhar? O custo de vida é muito difícil. Temos um consumo hoje muito focado em itens essenciais. A inflação dos alimentos está bem alta e isso pega muito mais na pessoa que tem uma renda mais baixa. O índice de confiança mostra preocupação com a situação futura. O consumidor está mais cauteloso.

Como vê o desempenho do varejo?

Com a questão da desaceleração da atividade econômica, dos juros que podem permanecer mais altos durante mais tempo e da queda de confiança do consumidor, provavelmente vai levar a uma desaceleração no crescimento das vendas. Vai crescer, mas provavelmente menos do que ano passado, que fechou em 1,9% o varejo restrito. Vamos fechar mais próximos de 1% neste ano. O varejo é puxado muito por farmácia e supermercado atualmente.

INÊS 249

O que pode melhorar no Brasil?

A gente precisava modernizar a economia brasileira. Nós deveríamos ter uma Reforma Tributária que baixasse a carga, uma Reforma Administrativa para cortar os excessos, racionalizar os gastos públicos. O Estado só deve se meter onde a iniciativa privada não está. E outra coisa é uma Reforma educacional. Melhorar a educação é o caminho. Sou otimista, eu acredito no Brasil. Nunca achei que o Brasil iria quebrar. O potencial é tão grande que uma hora vai conseguir equilibrar. O Brasil vai ser grande pelo que ele tem de potencial e no momento que soubermos usar isso com todo o equilíbrio. Eu não vou ver com certeza, mas espero que os meus netos vejam. Sobre o ponto de vista social, o brasileiro vai ser campeão. O lado político que vai dar mais trabalho, como sempre.

Não seria melhor para o comércio, e para a economia como um todo, menos peso da mão do Estado?

Essa é a grande luta da Associação Comercial e de outras entidades. Aqui é a casa da livre iniciativa, a casa do empreendedor. Nós temos que ter um Estado muito menor do que nós temos.

Qual o foco da Associação Comercial de São Paulo nesse processo?

Antigamente, você andava na Rua Direita e dava trombada nas pessoas. Tinha a mão e contramão de pedestre. Os comerciantes disputavam cada ponto. O comércio era ativo. Hoje você passa ali e vê lojas vazias. A placa mais vista ali é de aluga-se. Então, tem alguma coisa errada. Na minha opinião pessoal, isso começou quando se instalou o calçadão, que impediu as pessoas de acessarem. De lá para cá, veio o metrô e funcionou. Mas não teve uma promoção tão grande como deveria. Agora tem a atuação dos ambulantes na rua. Onde não há organização, surge de tudo. E também, com a pandemia, aumentou o problema das pessoas em situação de rua, que é uma grande tristeza. Há uma certa omissão de todos, não só do governo, da sociedade também. Mas tudo isso tem solução.

Qual a solução?

A gente teve que despertar. Tanto a Prefeitura, o governo do estado e a sociedade. Uma das bandeiras da Associação Comercial de São Paulo é brigar pela revitalização do centro, para ser de fato um shopping a céu aberto. Nosso papel é apoiar e articular. Temos pontos importantes na cidade: Largo São Bento, Largo São Francisco, Rua São Bento, Praça da Sé, Praça Patriarca e a Rua Direita. Temos de estimular a volta de comerciante. Para isso, temos de mostrar para ele que está limpo, seguro e iluminado.

> "É preocupante. Vai superonerar o setor de serviços e comércio. Dizem que, com a simplificação, ficará melhor. Eu, na minha idade [82 anos] e desde que eu trabalho há quase 60 anos, nunca vi nenhuma alíquota diminuir. Só vi aumentar"

Temos 600 mil pessoas cruzando o centro diariamente. São 18 mil funcionários da Prefeitura localizados no centro. Muitas cidades não têm essa população. É um grande potencial de compra. Estamos avançando em parcerias. A iniciativa privada vai investir em totens iluminados, uma grande choperia vai se instalar na Praça Patriarca. Tem atrações como o Edifício Martinelli, Farol Santander, museus, a B3, CCBB-SP... A sede do governo de São Paulo vai vir para o Centro. Ao estimular mais atrações, estimula mais moradias e, consequentemente, o comércio.

Mas tem a questão da segurança que precisa avançar, não?

Melhorou bastante. Hoje tem câmeras de reconhecimento facial no centro. Havia uma burocracia para contratação dessas câmeras. Um edital de licitação complicado, de compra de serviços e produtos, instalação e controle dos softwares e das imagens. Nosso trabalho foi de criar um clima na opinião pública e junto ao Tribunal de Contas a favor das câmeras, para avançar na compra e instalação dos equipamentos. Deu certo. E agora temos esse projeto de shopping a céu aberto, com 14 entradas e saídas. A ideia é ter a mesma sensação de entrar em shopping, com porta automática, câmeras de segurança, totens informativos. Essa ideia está sendo executada, estamos buscando parceiros. Com 1,3 mil agentes de segurança, limpeza, zeladoria...

Quando é feita avaliação do PIB, muito se destacam as análises sobre a indústria e o agronegócio. E pouco se fala no comércio. É um setor subvalorizado na avaliação econômica?

É uma força motriz importante da economia. É um grande impulsionador do PIB. O comércio é o maior empregador do País [19,1 milhões de empregados, segundo a PNAD Contínua do IBGE, de dezembro], ao lado de serviços. Apesar das dificuldades, antes de mais nada, o comerciante é um sonhador, um investidor. Se souber os problemas que você vai passar na área fiscal, na área econômica, em todos os âmbitos, não abre empresa nenhuma. Mas o comerciante não vê nada disso, vê apenas o objetivo de querer vender.

O Impostômetro registrou no dia 5 de abril a marca de R$ 1 trilhão de arrecadação tributária, 21 dias mais cedo do que no ano anterior. Aonde isso vai parar?

Todo ano vai bater recorde. A previsão é de aumento da arrecadação neste ano. Esperamos um crescimento de 2% a 3% em relação ao ano passado. Poderia ser mais alto. Vai aumentar por dois motivos. A própria atividade econômica e a inflação. Nosso sistema tributário está muito baseado em tributação sobre os preços. À medida que o preço aumenta, a arrecadação aumenta...

INÊS 249

Carolina Pepice: A Advogada Que Revolucionou a Gestão Financeira e Jurídica.

(Por TV Notícias)

Dra. Carolina Pepice, uma mulher de visão e inovação na área jurídica e financeira, tem transformado empresas através de uma abordagem única e eficiente. Com uma trajetória marcada por conquistas e uma carreira inspiradora, ela compartilha sua jornada e métodos que a diferenciam no mercado.

Formada em Gestão Financeira, Carolina iniciou sua carreira em um banco, onde trabalhou por sete anos. A experiência bancária lhe proporcionou um profundo conhecimento financeiro, mas foi o contato constante com questões jurídicas que despertou seu interesse pelo Direito. "Um colega advogado do banco disse: 'Carol, você tem muito potencial para advocacia, já pensou nisso?'", relembra. Esse incentivo foi o ponto de partida para que ela voltasse aos estudos e se formasse em Direito.

Após finalizar o curso de Direito, Carolina decidiu abrir seu próprio escritório, integrando suas habilidades financeiras e jurídicas. Ela percebeu que muitos empresários só buscavam assistência jurídica quando já enfrentavam problemas, o que gerava passivos desnecessários. "Trabalho na esfera de demonstrar para a empresa através de um compliance exclusivo, com as reais necessidades da empresa, uma forma de regimento interno, para que a empresa tenha um giro ativo e não só passivo", explica.

Seu método consiste em realizar um diagnóstico completo da empresa, identificar falhas e propor soluções que envolvem tanto a gestão financeira quanto a jurídica. Esse trabalho preventivo evita demandas trabalhistas e tributárias, resultando em uma significativa economia e rentabilidade para seus clientes.

Carolina tem se destacado por seus resultados expressivos, como transformar terrenos ociosos em projetos rentáveis. Um exemplo é um terreno em São Bernardo do Campo que, antes destinado apenas à plantação de hortaliças, agora abriga um hipermercado. "Monetizar é o meu foco, não deixar ocioso", afirma.

Além disso, seu escritório conta com uma equipe multidisciplinar que atende às diversas demandas das empresas, proporcionando um serviço completo e integrado. Carolina também dedica parte de seu tempo em Palestras, está na qualidade Presidente da Comissão OAB Vai Escola, na 39° subseção OAB São Bernardo do Campo -SP, onde realiza palestras em Escolas da Rede do Estado, levando a Cidadania e desenvolvimento e respeito nas escolas e, em parceria com outras comissões setoriais, foi convidada para Palestrar em um clube esportivo.

Com planos de expansão internacional, Carolina pretende levar seu modelo inovador para Portugal em 2025, na qual já atua e tem clientes. Ela acredita na importância do planejamento para o sucesso empresarial: "Ninguém planeja fracassar, mas fracassa por não planejar". Sua meta é continuar ajudando empresas a prosperar com uma gestão jurídica e financeira robusta e preventiva.

Dra. Carolina Pepice exemplifica como a sinergia entre gestão financeira e jurídica pode transformar a realidade empresarial. Sua metodologia inovadora e preventiva não só previne problemas futuros, mas também otimiza o desempenho e a rentabilidade das empresas. Com um compromisso inabalável com a excelência e um olhar estratégico para o futuro, Carolina continua a pavimentar o caminho para o sucesso de seus clientes, expandindo horizontes e redefinindo os padrões do setor. O impacto de sua atuação não é apenas local, mas global, e sua próxima empreitada internacional promete levar sua expertise a novos mercados, reforçando a importância de uma gestão integrada e visionária. ■

Saiba Mais:
pepiceadvogados.com.br

INÊS 249

 POR ALLAN RAVAGNANI

Embalada para crescer, a Embalixo avança no ESG

Líder brasileira em sacos para lixo, a Embalixo não só está na dianteira desse mercado, com uma fatia de 48%, como também deu marca aos sacos de lixo. Com 20 anos de atuação, a aposta da empresa passa pela inovação, com foco em sustentabilidade e inclusão. Para isso, está investindo R$ 50 milhões em tecnologia e equipamentos para ampliar a economia circular no chão de fábrica. A produção anual chegará a 18 mil toneladas este ano, e o portfólio vai além dos tradicionais sacos para lixo, abrangendo modelos inovadores, como itens com alças e abas, feitos de plantas e tecnologia que captura a emissão de gás carbônico, antibacterianos, com repelente de moscas e mosquitos, neutralizador de odores, material reciclado e até de matéria-prima vegana. A mais recente novidade é a linha Oceano, fabricada a partir de resíduos plásticos retirados do mar.

O investimento previsto em economia circular confirma que a empresa deve atingir a meta de utilizar 70% de sua produção com matérias-primas recicladas. "Estamos adquirindo novas tecnologias e equipamentos em nossa planta, em Hortolândia (SP), para atingir toda a nossa capacidade fabril, de 24 mil toneladas, e sermos mais sustentáveis e inovadores", afirma o CEO Rafael Costa. Ele conta que, no início, costumava ir com o pai no Nordeste comprar máquinas usadas com pouquíssimo dinheiro. "A gente acreditava naquilo e sabíamos que teríamos que ser diferente, focar na inovação e na sustentabilidade", afirmou. Hoje a empresa, que segue com a gestão dos filhos, cresce dois dígitos anualmente e deve atingir faturamento R$ 360 milhões em 2024, valor 17,65% maior que o do ano passado.

VAREJO

SAVEGNAGO RECEBE **CERTIFICADO DE LOGÍSTICA SUSTENTÁVEL**

O Grupo Savegnago recebeu o certificado de sustentabilidade pelo reconhecimento do trabalho da rede na área de logística. A certificação é concedida pela CHEP — A Brambles Company, empresa global líder em gestão e transporte de mercadorias por meio de paletes sustentáveis. Pela utilização dos serviços da CHEP, o Savegnago contribuiu com a proteção ao meio ambiente e a promoção de um modelo logístico sustentável. De acordo com a certificação, a rede salvou 1.400 árvores, evitou o descarte de 460 mil quilos de resíduos em aterros — equivalente ao desperdício de 350 mil pessoas por dia, além evitar a geração de emissões de carbono em 515 mil quilos — cerca de 12 voltas ao mundo de caminhão.

 FOTOS: DIVULGAÇÃO

INÊS 249

RENOVÁVEIS

ENERGIA SOLAR É APOSTA DE REDE DE **LAVANDERIAS SELF-SERVICE**

O Brasil é o 6º maior produtor de energia solar do mundo, de acordo com a Associação Brasileira de Energia Solar Fotovoltaica (Absolar), com dados da Agência Internacional de Energias Renováveis. A Lavô, maior rede de lavanderias self-service do País, aposta nesse uso e cerca de 15% da rede já possui plano de assinatura solar. A implementação dos painéis traz uma redução significativa na conta de energia e impacta diretamente na rentabilidade do empreendimento. A assinatura não gera custos para o franqueado, somente o da energia, e auxilia na construção de mais usinas solares pelo aumento da demanda, além de gerar um desconto de, em média, de 12% da tarifa. A rede já possui mais de mil unidades espalhadas pelo País.

PATRIMÔNIO

SÃO PAULO APOIA **900 PROJETOS CULTURAIS** EM 2023

Entre projetos artísticos e de preservação da memória histórica, o Estado de São Paulo investiu em 900 ações culturais no ano passado por meio do ProAC Editais — mecanismo fiscal que incentiva a produção cultural por meio de patrocínios e renúncia tributária.
Como explica Andressa Romualdo, coordenadora do Acervo da Fundação Energia e Saneamento, são registros feitos nos séculos 19 e 20 da iluminação pública de cidades paulistas, projetos originais das primeiras hidrelétricas do Brasil e de prédios famosos, como do Edifício Alexandre Mackenzie – um dos cartões postais da capital e onde funciona, hoje o Shopping Light.

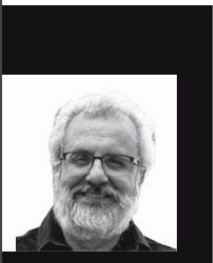
BIOECONOMIA

PROGRAMA EUROPEU ABRE MENTORIA

O projeto de cooperação da União Europeia, AL-INVEST Verde — Direitos de Propriedade Intelectual, lançou o seu primeiro programa de mentoria em propriedade intelectual para os países do MERCOSUL o AL-INVmentor. Até 10 de junho criadores poderão se inscrever. Após o encerramento do período de inscrição, um painel de especialistas selecionará os grupos de produtores finais que receberão mentoria, que será anunciado ao final de junho 2024. As mentorias começarão em julho de 2024 e terminarão em janeiro de 2025, sendo presenciais e virtuais.

Helbor obtém o selo AQUA Empreendedor

A Helbor é a primeira incorporadora pura a conquistar o selo Empreendedor AQUA, importante reconhecimento internacional direcionado à construção civil de alta qualidade ambiental. Com essa certificação, todos os próximos imóveis lançados pela empresa deverão possuir alta qualidade em práticas sustentáveis durante a construção e a operação, dando ênfase à gestão de resíduos, tanto da obra quanto do uso do edifício. O selo AQUA busca trazer nova perspectiva para sustentabilidade nas construções brasileiras, levando em consideração a cultura, clima, normas técnicas e a regulação do País. Para obter o selo, é necessário um longo ciclo de adequações de processos, além do compromisso de que seus projetos sejam desenvolvidos conforme rigorosos padrões ambientais de gestão e desempenho.

INÊS 249

RICARDO VOLTOLINI
É CEO DA IDEIA SUSTENTÁVEL, FUNDADOR DA PLATAFORMA LIDERANÇA COM VALORES, MENTOR E CONSELHEIRO DE SUSTENTABILIDADE

E SE O FUTEBOL TIVESSE MAIS ESG?

Fim do recesso do Brasileirão 2024 por causa da tragédia climática no Rio Grande do Sul, tempo de boas e profundas reflexões sobre ESG.

Haveria algo em comum entre os episódios recorrentes de racismo nos jogos da Copa Libertadores de América, o descaso pelo fair play financeiro entre clubesbrasileiros e as investigaçõesde manipulação de resultados em todo o mundo?

Sim, há. Se tivessem ocorrido numa empresa com ESG, os três casos seriam tratados hoje como impactossociais (S) e de governança (G.)Exigiriam atenção especial, planos de ação e investimentos para controlar potenciais riscos operacionais, financeiros e reputacionais.

Anima-me pensar nos benefícios de uma lógica ESG aplicada a segmentos como o futebol. Não tenho dúvidas de que faria a diferença para melhor.Cuidados socioambientais, ativismo de causas públicas e políticas de proteção da ética e da transparência costumam gerar valor para todas as partes interessadas de um negócio. Investidores de SAFs, patrocinadores de camisas e transmissões, reguladores, jogadores, torcedores, trabalhadores do setor e sociedade só teriam a ganhar com uma gestão mais responsável, compliance financeiro, redução de emissões de carbono, regras anticorrupção e respeito à diversidade.

> **“Anima-me pensar nos benefícios de uma lógica ESG aplicada a segmentos como o futebol. Não tenho dúvidas que faria a diferença para melhor”**

O futebol seria melhor se os clubes fossem melhores “para” o mundo. E embora esta seja uma bandeira de valor claro no século 21, ela ainda contrasta com uma velha cultura regidapela máxima de ser “o melhor do mundo” e que aceita, em nome da glória das taças, a “ética do resultado a qualquer custo” – isso significa, na prática, triunfar até mesmo contra a justiça desportiva, beneficiando-se de circunstâncias que desvirtuam as normas do jogo, desequilibram a competição e prejudicam o adversário.

A noção implícita no “ganhar a qualquer custo” – contrária ao que propõe o ESG – explica a maioria dos desvios éticos no futebol. Em sua defesa, torcedores e dirigentes aceitam, sem crítica, o juiz que erra a favor do seu clube ou ocraque que burla a regra e ainda ironiza o adversário. Normalizam atitudes que desabonam o fair play financeiro, algo que não fariam em suas próprias casas. E aceitam contratar jogadores caros, sem receitas previstas para o salário.

Sob a justificativa complacente de que a “cultura do futebol” tem uma moral própria, divertem-se com os refrões homofóbicos de torcidas e engrossam as vistas aos gritos racistas, mesmo sabendo que eles ferem leis e regulamentos. Passam pano para o estupro praticado por ex-craques perversos. Naturalizam a corrupção das empresas de apostas e o ato criminoso de jogadores venais que manipulam resultados de jogos –neste momento, o meia Lucas Paquetá, do West Ham, está sob investigação da Premier League inglesa por “forçar” cartões amarelos.

A bola que entra no gol não pode tudo, ensina o ESG. Existe um contexto de responsabilidades que não está separado do que acontece antes, durante e depois do jogo

Para quem quer melhorar a gestão do futebol, recomendo começar com quatro medidas básicas de ESG. (1) Compense o carbono emitido em jogos e treinamentos, recicle resíduos nos estádios, utilize energia renovável, implante um sistema de reuso de água; (2) Estabeleça um programa de compliance, com auditoria, canal de denúncias e códigos de conduta para evitar desde os assédios aos deslizes financeiros;(3) Apoie com ações socioeducacionais a base de formação dos profissionais, o elo mais frágil de sua cadeia de valor; e (4) Utilize o vínculo com torcedores e a exposição na mídia para “educar” stakeholders para causas como a solidariedade, diversidade, economia circular e mudanças climáticas. S

INÊS 249

INSTALADOS OS GRUPOS DE TRABALHO, COMEÇA NA CÂMARA A PRESSÃO DO SETOR PRODUTIVO POR BENESSES, TORNANDO MAIS DIFÍCIL A TÃO SONHADA ALÍQUOTA DE 26%

Paula CRISTINA

O DIFÍCIL CAMINHO DA

 FOTO: JEFFERSON RUDY

INÊS 249

O caminho para a reformulação do sistema tributário brasileiro foi um daqueles percursos cheio de percalços. Uma discussão que se arrasta há pelo menos três décadas, tentativas de avanços frustrados e muita pressão do setor produtivo por privilégios. Reunindo um daqueles raros momentos de união de capital político e janela de oportunidade, o governo Lula lançou e aprovou sua proposta, deixando "apenas" a regulamentação a ser definida de modo individual. Se pensarmos que a parte mais difícil do caminho já foi trilhada, a aprovação de uma nova normativa tributária, é possível concluir que estes últimos passos, que envolve a regulamentação, será tranquila. Certo? Errado. A Câmara dos Deputados vive, nas palavras de um parlamentar ligado às negociações, um "entra e sai de empresário que não se via desde a promulgação da Constituição". Tudo isso cobrará um preço. Pode ser no aumento da alíquota padrão — que vai subir sempre que uma isenção ou desoneração for concedida —, ou na retirada do apoio de importantes elos da cadeia produtiva a um ou outro partido político a depender do posicionamento dos deputados. E talvez aí resida a diferença entre uma reforma eficiente de uma reforma complacente.

REFORMA TRIBUTÁRIA

Na oratória oficial, as premissas seguem ótimas. O secretário extraordinário da Reforma Tributária do Ministério da Fazenda, Bernard Appy, afirmou que as alterações tributárias devem provocar um aumento de 10% no Produto Interno Bruto em até 13 anos. Durante audiência pública na Câmara, ele confirmou que um dos será a impulsão econômica, ainda que não seja sentido no curto prazo, quando os termos ainda estão em transição. "A lógica é simples. Depois de totalmente implementada, mantendo a carga tributária com a proporção do PIB, se a economia cresce mais, eu aumento minha arrecadação. Todo mundo ganha", declarou.

Nas contas do secretário, esses efeitos devem reduzir a pressão pelo aumento da carga tributária, em até 13 anos. "O crescimento gerado pela reforma tributária, que não acontece no curto prazo, vai acontecer ao longo dos próximos 10, 12, 13 anos, é um impacto muito grande", afirmou. "Nós estamos falando aqui de um aumento, nesse período, maior que 10% no PIB potencial do Brasil por conta da reforma tributária."

A ida de Appy ao Congresso era esperada como uma ação de boa vontade do governo em avançar com a regulamentação dos primeiros textos enviados pelo Executivo. Um deles trata sobre a Lei Geral do IBS, da CBS e do Imposto Seletivo. O Congresso aguarda a Fazenda apresentar o segundo projeto, sobre a gestão e a fiscalização do IBS. Ainda são esperados dois textos para abarcar, segundo Appy, questões mais técnicas. "O grosso da regulamentação já está posta, cabe ao parlamento discutir a melhor forma de condução. Estamos confiantes que haverá alinhamento entre as expectativas do Executivo com as decisões do Legislativo", disse.

"O GROSSO DA REGULAMENTAÇÃO JÁ ESTÁ POSTA, CABE AO PARLAMENTO DISCUTIR A MELHOR FORMA DE CONDUÇÃO"

BERNARD APPY,
SECRETÁRIO EXTRAORDINÁRIO DO MINISTÉRIO DA FAZENDA

PONTAPÉ INICIAL Para começar a se debruçar oficialmente sobre o tema (já que pelos gabinetes da Câmara este assunto é recorrente) , o presidente da Casa, Arthur Lira abriu as funções de dois grupo de trabalho (GT) que discutirão a regulamentação. O primeiro, que teve seu primeiro encontro na terça-feira (28), avaliará o PLP 68/24, com as principais normativas e que foi enviada pelo governo em abril. O regulamenta, por exemplo, assuntos como cashback, exportações e regimes diferenciados. Cada um dos pontos será discutido em encontros específicos, entre os oitos previamente marcados até a entrega do relatório, prevista para julho.

O segundo GT trata da atuação do Comitê Gestor do IBS e da distribuição das receitas do IBS entre os entes federativos,

VOTAÇÃO ACELERADA
Arthur Lira, presidente da Câmara, na abertura dos grupos de trabalho que irão regulamentar as novas regras fiscais

assuntos que ainda não ganharam grande espaço para discussão nos corredores do Congresso pela demora do governo em enviar o projeto. Apesar de menos complexa que a primeira,a forma como serão divididos os impostos deve gerar bastante pressão de governadores e prefeitos, o que tem um efeito especial no Congresso em ano de eleições em seus redutos eleitorais. Segundo Mauro Benevides, que acompanha de perto as tramitações e faz parte do GT, ressaltou esse temor dos governadores. "Eles estão muito preocupados com esse regramento de distribuição", disse.

Mesmo com as pontas soltar, o parlamentar confirmou à DINHEIRO que foi mantido o plano de entrega do relatório antes do recesso legislativo. "Estamos alinhados com o governo no que diz respeito aos prazos. Queremos dar celeridade, mas precisamos promover um debate de qualidade", disse ele. Questionado sobre outros assuntos que podem gerar discussão durante o GT, ele afirmou haver dúvidas sobre fiscalização do IBS nas esferas municipais e estaduais. Para responder tal questão,

"OS GOVERNADORES E PREFEITOS ESTÃO MUITO PREOCUPADOS EM COMO SERÃO DISTRIBUÍDOS OS IMPOSTOS DENTRO DAS NOVAS REGRAS"

MAURO BENEVIDES, DEPUTADO FEDERAL DE PARTE DO GT

"AGORA SERÁ POSSÍVEL AVALIAR O LOBBY E A INFLUÊNCIA DAS GRANDES EMPRESAS NAS DECISÕES DO CONGRESSO"

MARCOS LISBOA, ECONOMISTA

Bernard Appy chegou a citar durante a audiência na Câmara que a digitalização dos processos torna muito difícil qualquer tipo de erro de bitributação ou sonegação, impedindo, inclusive, fraudes.

Há também uma discussão que não foi citada de forma direta na reforma tributária desenhada pelo governo, mas pode ganhar força por se tratar de um setor com bastante influência no Legislativo: o turismo. A ideia dos parlamentares, em especial os ligados às bancadas das regiões Sul e Nordeste, sugerem a inclusão do de tax free para o IBS/CBS para incrementar as viagens. O tax free consiste no reembolso dos impostos pagos nas compras feitas por turistas estrangeiros. O secretário extraordinário da Reforma Tributária afirmou que a medida depende de análise do custo e benefício, e disse que o assunto pode ser estudado pelo governo.

Com tudo isso em jogo para negociação, não é incomum ver presidente de empresa, diretor de associação e economistas circulando no Congresso. Empresários do ramo de serviços, por exemplo, têm organizado idas conjuntas, separando em setores como logísticas, tecnologia e turismo, para fazer uma pressão escalada. O setor é um dos que deve enfrentar a maior alteração na alíquota básica. Para o economista e ex-secretário do Ministério da Fazenda dos governos Lula I e II, Marcos Lisboa, esse comportamento tem nome. "Captura de interesses". De acordo com ele, os conglomerados com grande poderio econômico sempre transitaram em Brasília, e as contas nunca são as melhores para o bem comum. "Vamos sentir quais são os grupos poderosos, e qual a capacidade do Congresso em repelir interesses que não conversem com o bem do País." São as pedras no caminho.

INÊS 249

ARCABOUÇO DE HAD

MUDANÇA DA META, PREVISÃO DE NOVOS GASTOS E DESEMPENHO DA ECONOMIA COLOCAM A ÂNCORA FISCAL DO GOVERNO EM UMA PROVA DE FOGO

Paula CRISTINA

Existe um rito de passagem comum entre os cozinheiros clássicos: se você não acertar um molho béarnaise no primeiro jantar que comandar para seus amigos, você está fazendo o curso errado. O molho, considerado um dos mais difíceis de harmonizar textura, acidez, cor e gosto, funciona como uma nota de corte para os interessados na cozinha mais tradicional francesa. Trazendo para um assunto bem menos apetitoso, o desafio de organizar uma âncora fiscal que equilibre os interesses do governo, a confiabilidade do mercado, o espaço para o crescimento do Brasil, além de acomodar o desenvolvimento humano que o País necessita parece um desafio e tanto para quem comanda tal preparo. O último a se aventurar nessa receita foi Fernando Haddad, atual ministro da Fazenda e responsável pelo Arcabouço Fiscal, que por um sistema de banda, flexibiliza a capacidade de investimento do governo, acompanhando o desempenho fiscal no ano anterior. Lindo na teoria, mas difícil de encorpar na prática. Diante do aumento das despesas do governo e da mudança da meta na Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2025, o holofote para acompanhar se o molho do arcabouço não irá talhar se voltou para quem comanda a cozinha. E agora o arcabouço é colocado em xeque.

Os críticos à receita do Ministério da Fazenda apontam que algumas inconsistências já nasceram com o projeto. Uma delas envolve os pisos constitucionais para saúde e educação, que correspondem a, respectivamente, a 15% da Receita Corrente Líquida (RCL) e 18% da Receita Líquida de Impostos (RLI) da União. Em ritmo acelerado também cresce o salário mínimo, e com ele a Previdência, o Benefício de Prestação Continuada, o abono salarial e o seguro-desemprego. Levantamento da da MCM Consultores Associados estima que a União precisará

INÊS 249

DAD EM XEQUE

"Este ano vai ser melhor do que o ano passado, e o ano que vem vai ser melhor do que este ano. É assim que vai funcionar, porque a regra fiscal define isso"

FERNANDO HADDAD
MINISTRO DA FAZENDA

cortar em 2026 o equivalente a 0,5 ponto percentual do Produto Interno Bruto (PIB), aproximadamente R$ 60 bilhões em valores atuais, para que o arcabouço continue de pé. Um movimento que continuará gradual, se mantido os mesmos pilares de investimentos. Se confirmado, tal cenário, há chances de surgir soluções criativas, que não ferem a Lei de Responsabilidade Fiscal, mas são nocivas para a saúde financeira da União. Segundo Felipe Salto, economista-chefe da Warren Investimentos e ex-secretário da Fazenda do Estado de São Paulo, quando as contas não baterem, entrará "contabilidade criativa". Segundo ele, este tipo de manobra não é exatamente novidade, mas é uma forma artificial de dizer que algo está funcionando.

MUDANÇA DE META O assunto que reviveu a eficiência do Arcabouço de Haddad foi a revisão das metas de resultado primário para os próximos anos, proposta pelo governo federal na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) de 2025. Na tramitação do arcabouço, o governo indicou que buscaria déficit primário zero em 2024, superávit de 0,5% do PIB em 2025, e de 1% do PIB em 2026. Enviada ao Congresso em abril, a LDO mudou as perspectivas a partir de 2025 e sinalizou que o superávit de 1% do PIB será alcançado somente em 2028. As mudanças nas projeções de inflação, também em rota de alta, acenturam o receio com a durabilidade da âncora. Questionado sobre como isso afeta o Arcabouço, o secretário do Tesouro Nacional, Rogério Ceron, minimizou. "Não há indicativos de que vá ferir o arcabouço fiscal". De acordo com ele, as mudanças não alteram a "essência" do marco. "As bases do arcabouço, que define regras de limite de crescimento de despesas, segue inalterado", afirmou.

Para Fernando Haddad, chefe da Fazenda, a mudança da meta mostra a adaptação a nova âncora fiscal e não há crise ou incerteza sobre a eficiência da ferramenta. "Este ano vai ser melhor do que o ano passado, e o ano que vem vai ser melhor do que este ano. É assim que vai funcionar, porque a regra do arcabouço define isso."

As regras postas em questão limita o crescimento da despesa do governo em exercício a 70% do avanço das receitas no mesmo período. Tal movimento acontece atrelado ao gatilho de que os gastos nunca podem subir mais que 2,5% ou menos que 0,7% em comparação com o ano anterior. Segundo Haddad, é de praxe que um cenário de projeção tenha leituras otimistas, moderadas e pessimistas, e que a realidade vai comprovando os cenários. "O problema não é adaptar, é não prever", disse ele durante audiência pública na Câmara dos Deputados. A previsão, por enquanto, é que não será possível o superávit fiscal antes de 2028, e que as contas públicas serão corrigidas de forma mais paulatina que o projetado inicialmente. Na culinária, é o momento em que o chef precisa ir provando, passo a passo, o caminho da execução de um molho de alta complexidade para não desandar. S

R$ 60 BILHÕES
SERÃO NECESSÁRIOS PARA QUE GOVERNO MANTENHA A ÂNCORA FISCAL EM 2026

0,5%
DO PIB SERÁ NECESSÁRIO AO ANO PARA AJUSTAR OS GASTOS DO ARCABOUÇO

1%
DE SUPERÁVIT. COM NOVA META, NÚMERO MÁGICO FICA PARA 2028

POR QUE OS DÓLARES ESTÃO IND

O PAÍS TEM REGISTRADO DÉFICITS EM SUAS TRANSAÇÕES INTERNACIONAIS E O SALDO NEGATIVO SUPERA US$ 35,2 BILHÕES EM 12 MESES, O EQUIVALENTE A 1,6% DO PIB. O RESULTADO É UM SINAL DE ALERTA PARA O CÂMBIO E A INFLAÇÃO

Jaqueline MENDES

As incertezas fiscais do País, o aumento da remessa de lucro das multinacionais para suas matrizes e a aversão dos investidores ao risco têm mais tirado do que trazido dólares da economia brasileira. Pelos cálculos do Banco Central (BC), as contas externas registraram um saldo negativo em abril, atingindo US$ 2,516 bilhões. No mesmo mês de 2023, o déficit nas transações correntes, que incluem a compra e venda de mercadorias e serviços e transferências de renda com outros países, foi de US$ 247 milhões.

A deterioração anual é atribuída também à redução do superávit comercial, que diminuiu US$ 578 milhões. Ou seja, o Brasil está aumentando as importações em uma velocidade maior do que as exportações. Contribuindo para o déficit nas transações correntes, os déficits em serviços e renda primária (pagamento de juros e lucros e dividendos de empresas) aumentaram em US$ 844 milhões e US$ 1,1 bilhão, respectivamente. Por outro lado, a renda secundária passou de déficit para superávit, com uma variação de US$ 249 milhões.

No período de 12 meses encerrados em abril, o déficit nas transações correntes foi de US$ 35,271 bilhões, representando 1,57% do Produto Interno Bruto (PIB), comparado ao saldo negativo de US$ 33,002 bilhões (1,48% do PIB) no mês anterior. Em relação ao mesmo período encerrado em abril de 2023, houve uma redução significativa, quando o déficit foi de US$ 50,646 bilhões (2,52% do PIB).

Segundo Fernando Rocha, chefe do Departamento de Estatísticas do BC, as transações correntes apresentavam uma tendência robusta de redução dos déficits nos últimos 12 meses, que se inverteu a partir de março. Ele destacou que o déficit externo é baixo para os padrões da econo-

 FOTOS: FREEPIK

INÊS 249

O EMBORA?

mia brasileira e é financiado por capitais de longo prazo, principalmente por investimentos diretos no País, que são fluxos de boa qualidade. "Com isso, temos as condições de financiamento da economia brasileira", afirmou.

Os dados de Investimento Direto no País (IDP) em abril somaram US$ 3,867 bilhões, um aumento de 26% em relação aos US$ 3,059 bilhões de abril de 2023. No acumulado de janeiro a abril de 2024, o déficit nas transações correntes foi de US$ 17,310 bilhões, contra um saldo negativo de US$ 12,867 bilhões no primeiro quadrimestre de 2023.

As exportações de bens totalizaram US$ 31,356 bilhões em abril, um aumento de 11,7% em relação aos US$ 28,074 bilhões no mesmo mês de 2023. As importações somaram US$ 24,558 bilhões, com uma elevação de 18,6% em comparação a abril do ano anterior, quando foram US$ 20,699 bilhões.

Sobre as importações, que reduziram o superávit comercial, Rocha explicou que o aumento na quantidade de bens importados foi impulsionado por criptoativos, que são caracterizados como bens e contabilizados na balança comercial. Em abril, foram importados US$ 1,7 bilhão em criptomoedas, um aumento significativo em relação aos US$ 763 milhões registrados em abril de 2023.

De acordo com Rocha, a popularização desses ativos justifica o aumento. "Embora criptoativos não sejam mais uma novidade, ainda estão ganhando mercado", disse. "Com o tempo, as pessoas estão aprendendo mais sobre como usar criptomoedas, sobre as transações que podem fazer, novos serviços surgem, e há mais formas de investimento", acrescentou.

Com esses resultados, a balança comercial fechou com um superávit de US$ 6,798 bilhões no mês passado, ante um saldo positivo de US$ 7,376 bilhões no mesmo período de 2023. "A soma de exportações e importações dá dimensão da abertura comercial brasileira. É a maior corrente de comércio registrada", destacou Rocha.

SERVIÇOS O déficit na conta de serviços —que inclui viagens internacionais, transporte, aluguel de equipamentos e seguros, entre outros – somou US$ 3,985 bilhões em abril, comparado aos US$ 3,142 bilhões no mesmo mês de 2023, um crescimento de 26,9%. Segundo Rocha, o déficit em serviços vem aumentando este ano e, no mês passado, foi o principal responsável pelo aumento do déficit das transações correntes.

Ele acrescentou que a conta de serviços está se diversificando; enquanto despesas com transporte e viagens internacionais tradicionalmente predominavam, nos últimos meses, rubricas associadas a serviços digitais, operações por plataformas e pagamento de licenças de softwares têm ganhado importância, embora ainda menores em comparação ao transporte. Na comparação anual, a maior alta na conta foi no déficit em serviços de propriedade intelectual, que cresceram 175%, somando US$ 889 milhões. Esses números afetaram também as reservas internacionais do País. O estoque atingiu US$ 351,599 bilhões em abril, uma queda de US$ 3,409 bilhões em comparação ao mês anterior. S

EM ABRIL:

27% FOI ALTA DO DÉFICIT PARA SERVIÇOS

12% FOI O AVANÇO DAS VENDAS EXTERNAS

18% FOI A ALTA NA IMPORTATÇÃO DE BENS

BALANÇA Aumento no número de importações não acompanha o avanço das exportações, pressionando ainda mais a contagem de dólares no Brasil

SINAL VERDE PARA AS CRIPTOS

A comissão de valores mobiliários dos EUA aprova os primeiros fundos (ETFs) negociados em Bolsa da criptomoeda ether (ETH). A medida introduz o universo das moedas digitais no mercado de capitais americano e abre caminho para que o Brasil avance em sua própria regulamentação

Jaqueline MENDES

Uma boa notícia para os entusiastas e investidores de moedas digitais. A aprovação pela Comissão de Valores Mobiliários dos Estados Unidos (SEC) dos primeiros fundos de ether (ETH), conhecidos como ETFs e negociados à vista em Bolsa (Nasdaq, NYSE etc.), representa um marco no universo das criptomoedas e no mercado de capitais americano. Esta decisão não apenas legitima ainda mais as criptos como ativos financeiros, mas também abre novas oportunidades e desafios para regulamentações em outros países, como o Brasil, que observa de perto os passos do regulador americano.

No último dia 27, a criptomoeda nativa da rede Ethereum atingiu a maior cotação da história frente ao real. Desde o começo do ano, quando os primeiros ETFs de Bitcoin à vista foram aprovados no mercado americano, cresceu a expectativa de que ETFs da criptomoeda ether à vista fossem aprovados logo em seguida. A perspectiva agora é que ela bata recordes de preço em relação ao dólar nas próximas semanas, embora isso possa levar meses. "O fortalecimento das criptomoedas por meio de uma regulação mais robusta tende a elevar suas cotações no curto prazo, mas a valorização daqui em diante dependerá de diversos outros fatores", disse Gary Gensler, presidente da SEC.

Na avaliação de Richard Teng, CEO da Binance, casa especializada em negociação de criptos, a aprovação dos ETFs na SEC é um marco histórico para a indústria de ativos digitais. Para ele, a decisão sinaliza o aumento do reconhecimento e a aceitação mais ampla dessas moedas dentro das estruturas tradicionais, principalmente em um mercado influente como os EUA. "A aprovação não apenas consolida a legitimidade do Ethereum como um ativo, mas também aumenta o status, a acessibilidade e o potencial de crescimento do ecossistema de ativos digitais em sua forma mais ampla", afirmou Teng.

A aplicação de capital para os ETFs de Ethereum à vista, segundo ele, deve ser constante e estável. Esse foi o caso dos ETFs de Bitcoin à vista nos EUA, que já haviam sido aprovados em janeiro e atraíram mais de US$ 13,3 bilhões em recursos nos primeiros cinco meses deste ano, o que deve ocorrer novamente. "Estamos otimistas de que este mais novo passo levará a uma maior aceitação regulatória, abrindo caminho para uma adoção maior de ativos digitais pelos entes tradicionais globalmente, seja para ETH, BTC ou outros." S

"O FORTALECIMENTO DAS CRIPTOMOEDAS POR MEIO DA REGULAÇÃO TENDE A ELEVAR SUAS COTAÇÕES NO CURTO PRAZO, MAS A VALORIZAÇÃO DEPENDERÁ DE OUTROS FATORES"

GARY GENSLER, PRESIDENTE DA SEC

INÊS 249

NOVA MOEDA O Banco Central está desenvolvendo o DREX, uma divisa digital que poderá auxiliar na regulamentação de criptoativos no Brasil

US$ 13,3 BILHÕES
FOI O MONTANTE QUE OS FUNDOS (EFTS) DE BITCOIN ATRAÍRAM NOS PRIMEIROS CINCO MESES DESTE ANO

A SEC tem desempenhado um papel crucial na regulação do mercado financeiro dos EUA, garantindo a proteção dos investidores e a integridade do mercado e encorajado outros países a adotarem suas regulações. Tanto é que, logo depois do anúncio no mercado americano, a Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais (Anbima) apresentou novas propostas para investimento em criptoativos no Brasil. No próprio dia 27, a entidade abriu consulta pública sobre regras propostas por ela para orientar o investimento em criptoativos por fundos brasileiros e carteiras administradas. "A consulta busca definir requisitos mínimos de governança para os prestadores de serviços essenciais (gestores e administradores) desses portfólios", afirmou a Anbima, em comunicado. As novas regras devem entrar em vigor em 1º de outubro.

Segundo Cassio Krupinsk, CEO da BlockBR, fintech especializada em infraestrutura que permite uma migração simplificada para a tokenização, a iniciativa da Anbima será positiva desde que não crie barreiras de crescimento, pois deve promover um ambiente mais confiável, beneficiando investidores e fortalecendo o mercado financeiro. "Há dois anos estamos trabalhando na infraestrutura que padroniza as informações de governança e realiza a diligência dos portfólios investidos no setor para fundos, o que mostra sinergia entre o regulado e a economia digital."

A decisão da SEC também deve servir como um catalisador para o avanço da regulamentação no Brasil. O Banco Central (BC) e a Comissão de Valores Mobiliários (CVM) têm trabalhado em conjunto para desenhar um marco regulatório para criptoativos, buscando um ambiente seguro e transparente. A aprovação dos ETFs de ether, segundo especialistas, pode acelerar este processo, fornecendo um modelo regulatório que pode ser adaptado ao mercado brasileiro. O Brasil tem mostrado interesse crescente em integrar as criptomoedas ao seu sistema financeiro. A adoção de um marco regulatório claro e eficiente é essencial para atrair investimentos e garantir a confiança no mercado de criptoativos. A celeridade no desenvolvimento dessas regulamentações pode posicionar o Brasil como um dos líderes da área na América Latina.

REAL DIGITAL Paralelamente à regulamentação de criptomoedas, o Banco Central está desenvolvendo sua própria moeda digital, o Drex, que terá o potencial de transformar a forma como as transações são realizadas no Brasil, facilitando pagamentos instantâneos e seguros. A integração do Drex ao mercado financeiro pode complementar a regulamentação de criptoativos no País, criando um ecossistema mais robusto e diversificado. À medida que o Brasil avança na regulamentação de ETFs de criptomoedas, o Drex pode desempenhar um papel fundamental na facilitação das transações e na promoção de uma maior aceitação das criptomoedas. Isso poderia resultar em um mercado financeiro mais dinâmico e competitivo, alinhado com as tendências globais de digitalização e inovação financeira.

INÊS 249

PARA GARANTIR O AMANHÃ

BB PREVIDÊNCIA, FUNDO DE PENSÃO MULTIPATROCINADO, OLHA PARA ESTADOS E MUNICÍPIOS, ALÉM DE OUTROS ENTES PÚBLICOS, PARA CHEGAR A R$ 10 BILHÕES SOB GESTÃO E 285 MIL PARTICIPANTES EM 2024 **Letícia FRANCO**

SANDRO GRANDO
Diretor-presidente da BB Previdência destaca oportunidade de crescimento a partir das novas normas do RPC

Se apenas 10% da população brasileira entre 20 e 64 anos possui previdência privada, a oportunidade para ganhar esse mercado está batendo à porta. Segundo a Fenaprevi, cerca de 11,1 milhões de pessoas dispõem de um plano dessa natureza. O mercado é ainda mais otimista para as entidades fechadas de previdência complementar (EFPC), que administram ativos de várias empresas, já que o setor é liderado por entidades que gerenciam bilhões de uma única companhia. É neste cenário que a BB Previdência, fundo de pensão multipatrocinado do conglomerado do Banco do Brasil, aumenta as cifras e expande

INÊS 249

sua carteira: são R$ 8,46 bilhões sob gestão e mais de 300 empresas patrocinadoras e instituidores, que somam mais de 241 mil participantes. Até o fim deste ano, a instituição quer chegar a R$ 10 bilhões sob gestão e 285 mil participantes. Para isso, a estratégia da BB Previdência é clara: captar mais entes federativos, ao mesmo tempo que fortalece os atuais e projeta atender mais clientes do Banco do Brasil.

Para a instituição, atrair mais estados e municípios para sua carteira não é uma tarefa difícil. Atualmente, a BB Previdência já conta com 261 patrocinadoras no setor, especialmente estados das regiões Norte e Nordeste, que inclui Amazonas, Acre, Pernambuco e Tocantins, e as capitais Vitória (ES) e Campo Grande (MS), entre outras. O Rio Grande do Norte foi o estado mais recente a ser conquistado pela companhia. Em abril, a BB Previdência venceu o processo licitatório para administrar os ativos do estado e, com isso, registrou um crescimento de 559%, para 261 entes federativos atendidos. Em 2021 eram 39. Segundo Sandro Grando, diretor-presidente da BB Previdência, o Rio Grande do Norte representa um avanço importante. “É a conquista mais recente e também robusta, a estimativa é ter 15 mil participantes apenas no estado nos próximos anos”, afirmou à DINHEIRO.

O sucesso nesse segmento deve-se ao BBPrev Brasil, um plano criado a partir da Reforma da Previdência (2019) para atender aos regimes obrigatórios do setor público. No ano passado, foram fechados 59 contratos com entes públicos, um aumento de cerca de 30%. A demanda é proveniente do Regime Previdenciário Complementar (RPC), que regulamentou os valores desse tipo de aposentadoria para os novos servidores. E, segundo o executivo, o fato de 40% não terem se ajustado às novas normas abre um imenso potencial de mercado. ”No Nordeste e Norte, cerca de 58% e 29%, respectivamente, estão dentro das novas regras. Já no Sudeste e no Sul, a taxa de inserção está próxima de 25%”, disse Grando, diretor-presidente desde janeiro deste ano.

À frente da companhia, o executivo tem como desafio captar mais clientes do Banco do Brasil e a fidelização de contas atuais do setor privado — que incluem a Aurora Alimentos, o Consórcio Magalu e a Fundação Mineira de Educação e Cultura (Fumec). “Além da continuidade no trabalho e potencializar a divulgação do BBPrev Brasil, temos que fortalecer o relacionamento com o cliente, ter mais proximidade”, afirmou.

SETOR Os números do setor de previdência complementar são positivos. Segundo a Abrapp, o segmento registra R$ 1,2 trilhão em ativos, alcançando 8 milhões de brasileiros, sendo 3 milhões de participantes ativos e 880 mil que utilizam o benefício atualmente. Com ciclo de queda da taxa Selic — hoje, 10,50% ao ano —, o cenário macroeconômico se torna favorável para os planos de previdência complementar, como os administrados pela BB Previdência. Uma vez que a carteira de investimento da companhia está posicionada especialmente em títulos públicos vinculados à inflação, além de ativos em renda variável que podem valorizar. No acumulado de 12 meses até março deste ano, a empresa do Banco do Brasil atingiu as suas metas de rentabilidade dos 42 planos administrados, com o retorno consolidado de 12,41% acima do estipulado pela entidade, que era de INPC + 4,10% ao ano. Isso somado a expectativa de que a taxa básica de juros chegue a 9% ao final de 2024, e início de queda na taxa de juros nos Estados Unidos — atualmente em torno de 5% — a partir de setembro, a instituição prevê aumentar as alocações em renda variável no Brasil e no exterior. De acordo com a empresa, as aplicações em renda variável no País poderão atingir cerca de 10% até um limite de 13%. Já no exterior, se aproximarão de 9%. É impossível ter certeza de tudo o que vai acontecer no futuro, mas diante de um setor repleto de oportunidades, seja pela baixa participação da população ou cenário econômico favorável, o amanhã pode ser mais mais seguro, seja para as entidades ou para quem investe.

R$ 8,46 BILHÕES SOB GESTÃO

241 MIL PARTICIPANTES

SETOR PRIVADO Aurora Alimentos se destaca como um dos principais clientes da instituição, dentre as 300 patrocinadoras e instituidores da carteira

ESTRATÉGIA EUROPEIA O plano do CEO Dubaere, que chegou ao Brasil há três anos, é alcançar a marca de 500 hotéis em uma década

ACCOR HOSPEDA

 | FOTO: GERMANO LÜDERS

O País está puxando o desempenho da rede hoteleira francesa, dona de uma receita global de 5 bilhões de euros em 2023. Sob o comando do belga Thomas Dubaere, a operação brasileira cresce 23%, planeja inaugurar 50 unidades e investir R$ 3 bilhões

Hugo CILO

RECORDES

O belga Thomas Dubaere conhece as Américas como poucos. No cargo de CEO da rede hoteleira Accor para todo o continente, o executivo passa boa parte do tempo viajando, desde o extremo sul da Argentina até o círculo polar ártico, no Canadá. Visita hotéis, inaugura hotéis, reestrutura hotéis e projeta novos hotéis. Mas, apesar das centenas de carimbos no passaporte, ele gosta mesmo é do Brasil. Dubaere é um típico gringo europeu apaixonado por Trancoso, Jericoacoara, Paraty e Lençóis Maranhenses. “Ah, o Brasil é um paraíso. Nada no mundo se compara a este País”, afirmou o CEO, em entrevista exclusiva à DINHEIRO, na sede da empresa em São Paulo. “Tentei transferência para cá por três vezes, em 2009, em 2014 e em 2021. Só consegui na última, em plena situação difícil da pandemia.”

O Brasil enche os olhos de Dubaere e da Accor não só pelas praias e belezas naturais. O País tem brilhado nos balanços financeiros da companhia. No ano passado, o faturamento da operação brasileira disparou 23% sobre 2022. O desempenho ficou acima da média global de crescimento, de 20%, performance que levou o grupo ao resultado recorde de 5 bilhões de euros em receita e 1 bilhão de euros em Ebitda. Embora a Accor não divulgue no balanço dados de faturamento por região, sabe-se que o País responde por 8% a 10% dos resultados globais, algo entre 400 milhões e 500 milhões de euros (cerca de R$ 2,8 bilhões).

O bom desempenho reflete, evidentemente, a recuperação da indústria do turismo no País, mas também atesta a estratégia de expansão definida por Dubaere. Quando desembarcou com a família no Brasil, três anos atrás, a Accor tinha 23 marcas em operação no mundo — principal-

INÊS 249

NA PRAIA OU NA CIDADE
Com mais de 45 bandeiras, o grupo sustenta seu crescimento no Brasil investindo na diversificação

mente ibis, Mercure e Novotel. Hoje, são mais de 45 bandeiras, do segmento popular ao de luxo. No Brasil, até o final do ano, mais uma bandeira vai estrear, a Faena. Conhecida em cidades como Miami e Buenos Aires, a nova marca vai trazer para São Paulo um novo conceito de hospedagem, que une hotelaria, alta gastronomia, obras de arte e residências de alto padrão. Uma outra bandeira de luxo, a Handwritten, está em fase de estudos, ainda sem local e data definidos. "A força da Accor está na diversificação. Hoje podemos hospedar desde um cliente que busca conforto com baixo custo até um milionário que procura sofisticação e experiência", afirmou o CEO, que começou a carreira em 1991 como garçom de um Novotel, em Bruges, interior da Bélgica.

A importância do Brasil para os resultados da Accor é inquestionável. Mais de 60% do crescimento projetado para as Américas nos próximos anos deverá vir do Brasil. Isso ajuda a explicar a razão pela qual 75% dos projetos de novos hotéis na região nos próximos anos estão no País. Segundo o CEO, a Accor terá 50 novos hotéis nos próximos três anos, com investimentos de R$ 3 bilhões. Os recursos não sairão do cofre da companhia porque o plano é acelerar a expansão por meio de parcerias, franquias e conversões (hotéis independentes e sem bandeira que passam a fazer parte da Accor). Mais de 80% das unidades em pipeline (ou seja, em projeto) seguem o modelo de franquias. Com isso, a Accor deverá superar, pela primeira vez em 45 anos de história, a marca de 500 hotéis no Brasil dentro dos próximos dez anos. No Brasil, hoje a Accor possui 332 hotéis em operação (240 Economy, 79 Midscale e 13 Premium).

Da Argentina ao Canadá, a divisão Premium, Midscale & Economy das Américas possui 448 hotéis em operação (totalizando 70,5 mil quartos), 77 hotéis em pipeline (projeto) e 11 marcas no portfólio: ibis budget, ibis styles, ibis, Mercure, Novotel, Grand Mercure, Handwritten Collection, Movenpick, Swissotel, Pullman e Tribe. Entre as assinaturas de contrato já realizadas em 2024 estão o ibis Styles Giga Mall, em Fortaleza (CE), e o hotel ibis Styles Goiânia Shopping Estação, em Goiás.

Um dos pilares da expansão no Brasil é aposta em resorts. O ibis Styles Maragogi Resort faz parte dessa estratégia como o primeiro resort de marca econômica da Accor, com previsão de abertura em agosto deste ano. Este empreendimento tem como

 | FOTOS: ABACA PRESS/WALTER SHINTANI | DANIEL_PINHEIRO | DIVULGAÇÃO

POR DENTRO DA ACCOR

Faturamento global de **5 BILHÕES de euros** *(2023)*

Crescimento de **20%** sobre 2022

5,6 mil hotéis

825 mil quartos

PIPELINE

224 mil quartos

1.219 hotéis

110 países

45 marcas

BRASIL

332 hotéis em operação *(sendo 240 Economy, 79 Midscale e 13 Premium)*

50 hotéis em projeto

R$ 3 BILHÕES de investimento em 3 anos

500 hotéis como meta para a rede nos próximos 10 anos

PREMIUM, MIDSCALE & ECONOMY

Argentina ao Canadá, a divisão das Américas reúne

448 hotéis em operação

70,5 mil quartos

77 hotéis em pipeline

pullman, swissôtel, MÖVENPICK

Handwritten, NOVOTEL, MERCURE, TRIBE, ADAGIO

ibis, ibis Styles, ibis budget

mantis, Art Series, GRAND MERCURE, PEPPERS, THE SEBEL

mantra-, BreakFree, greet, hotelF1

LUXURY & LIFESTYLE AMÉRICAS

105 hotéis de Luxury & Lifestyle

36 hotéis nos próximos anos

ORIENT EXPRESS, RAFFLES, Fairmont

EMBLEMS, SOFITEL

FAENA, BANYAN TREE

ENNISMORE

HYDE

MORGANS ORIGINALS

Working From, 25h

JO&JOE

SLS, DELANO

MAMA SHELTER

SO/, GLENEAGLES

MONDRIAN

the hoxton, PARIS SOCIETY

RIXOS

Fonte: Accor

foco o público intermediário, oferecendo uma marca internacional a um preço acessível. A divisão também planeja adição de novos resorts all inclusive nos mercados do Caribe e América Central.

O salto da Accor por aqui está em sintonia com o ritmo de recuperação do mercado hoteleiro no País. Uma recente pesquisa da consultoria HotelInvest, em parceria com o Fórum de Operadores Hoteleiros do Brasil (FOHB), mostrou que o setor vai receber R$ 8,4 bilhões em investimentos até 2028, representando um aumento de 26,9% sobre os últimos quatro anos. Esse avanço representa a assinatura de contratos para 137 hotéis, com a entrega de 21.863 novos quartos. "Isso reflete a confiança dos investidores no potencial do mercado hoteleiro brasileiro", disse Orlando de Souza, presidente do FOHB. "Os valores ultrapassam os níveis pré-pandêmicos em várias capitais neste ano."

PREFERÊNCIA Os investimentos do setor hoteleiro são proporcionais ao aumento do interesse do brasileiro por viajar dentro do País. Segundo levantamento do Datafolha, divulgado na quarta-feira (29) pela Folha de S.Paulo, o Brasil (20%) e os Estados Unidos (17%) empataram dentro da margem de erro na pesquisa na preferência dos paulistanos. O instituto entrevistou 1.604 paulistanos das classes A e B, maiores de 16 anos e que viajaram ao menos uma vez a lazer para fora do estado nos últimos 12 meses. Essa é a primeira vez que os Estados Unidos apareceram numericamente atrás de outro país.

Nas preferências dos paulistanos, destaque para a Bahia, que pela segunda edição consecutiva é eleita o melhor estado do País

ENTREVISTA

THOMAS DUBAERE, CEO DA ACCOR AMÉRICAS

> "O Brasil tem um imenso potencial para o turismo doméstico"

Por que o Brasil, com tanto potencial para o turismo, não consegue atrair o turista estrangeiro?
Não podemos comparar o turismo no Brasil com o da Europa. Todo o território do continente europeu é menor que o Brasil. Alguns países da Europa se atravessa de carro em uma hora. A distância entre Porto Alegre e Manaus é igual a de Lisboa a Moscou. Além disso, um voo da Europa para o Brasil pode demorar 12 horas. E não há voos diretos para todas as capitais. Ou seja, são perfis diferentes de turismo.

Mas muito brasileiros preferem sair do Brasil nas férias...
Podem sair, mas não precisariam. Aqui tem de tudo. Tem praias, tem cachoeiras, tem natureza, tem comida, tem cultura, tem música... Não falta nada.

Mas os entraves geográficos e econômicos não são problemas para a indústria do turismo?
O Brasil tem um imenso potencial para o turismo doméstico. Muito mais do que para o turismo internacional. Hoje, 85% das nossas receitas no Brasil são de hóspedes brasileiros. Outros 10% são de clientes regionais, como argentinos, chilenos e colombianos. Só 5% vêm de visitantes europeus, americanos ou asiáticos. Esses números comprovam de onde virá o nosso crescimento nos próximos anos.

Mas há outros mercados da América Latina com grande potencial de crescimento para o turismo e para a hotelaria...
Sim, mas eles não têm grande densidade e força de distribuição. Não posso pensar em ter 100 hotéis na Jamaica, por exemplo. Nem em Cuba. Por mais que o turismo esteja crescendo lá, a demanda é limitada. Podemos ter dois ou três resorts, com 400 ou 500 quartos, mas nunca ter 500 hotéis, como imaginamos no Brasil. Assim como nunca posso ter uma rede de ibis no Caribe. Não faz nenhum sentido. Mas ter um luxuoso Fairmont faz todo sentido.

 | FOTOS: GERMANO LÜDERS | DIVULGAÇÃO

para se viajar e, empatada tecnicamente com o Nordeste em geral, é também o melhor destino para férias em família. No Sudeste, o Rio de Janeiro é o favorito para as festas de Réveillon e Carnaval; e São Paulo é o melhor destino gastronômico, de compras e para curtir a parada LGBTQIA+.

Isso não significa que o brasileiro tirou dos planos uma viagem de férias ao exterior. O Datafolha concluiu também, por exemplo, que a Itália continua sendo o destino dos sonhos dos entrevistados, assim como Paris é a preferência para a lua de mel. Miami, que está entre os destinos internacionais de verão favoritos, também foi eleita como melhor lugar para fazer compras no exterior, seguida por Nova York.

Segundo dados do Departamento de Comércio americano referentes a 2022, o Brasil ocupa a sexta posição no ranking dos turistas que mais gastam nos EUA — atrás de Canadá, México, Reino Unido, China e Japão, todos com moedas mais fortes que o real. Mas se a análise do mercado brasileiro e as projeções de crescimento feitas por Dubaere estiverem certas, o turista brasileiro vai viajar e gastar cada vez mais dentro do Brasil. Bom para a Accor, excelente para o turismo nacional. **S**

DO POPULAR AO SOFISTICADO
A rede tem investido em novas unidades ibis no Nordeste, enquanto traz a São Paulo o Faena, um novo conceito de hospedagem em residências de luxo

Por que, depois de tanto tempo na Europa, escolheu trabalhar no Brasil?
Antes de vir para São Paulo, trabalhei por dez anos em Londres. Cuidei da Europa do Norte, que inclui Reino Unido, Escandinávia e Benelux [Bélgica, Luxemburgo e Holanda]. Trabalhei por 33 anos na Europa. A Accor está em 110 países, mas eu queria essa aventura, outra cultura, outro continente. E não é uma coincidência que estou aqui. Sempre quis morar no Brasil.

A pandemia favoreceu a sua vinda?
Não sei. Talvez. Cheguei na pandemia, quando o mercado de turismo global estava em 400 milhões de turistas por ano. Em 2023 voltamos a 1,2 bilhão de viajantes em todo o mundo e, em 2024, devemos superar 1,5 bilhão. O mercado se recuperou e vamos pegar esse embalo para crescer ainda mais. Vim para fazer a recuperação acontecer. Muitos brasileiros que nunca tinham viajado antes da pandemia passaram a viajar. Hoje o turismo doméstico cresce a um ritmo de 4,5% ao ano. Tudo deu certo. Somos uma indústria abençoada. Muito abençoada.

Mas essa demanda aquecida por viagens não vai esfriar pouco a pouco?
Não. Com certeza, vai esquentar. Quem começa a viajar, não para mais. Os mais jovens, as novas gerações, estão viajando muito mais. Os mais velhos, viajando mais. Esse fenômeno já aconteceu na Europa algumas décadas atrás. Sempre gosto de citar o exemplo de meus pais. Eles têm 91 anos e ainda estão viajando. Não param. É um comportamento que fica. Um estilo de vida. Como temos hotéis para todos os perfis, estamos crescendo junto com esses novos hábitos.

Por que a Accor se dividiu em duas?
A empresa continua uma só, mas tomamos a decisão de fazer duas divisões. Uma divisão premium, midscale e economy, e outra com a divisão de luxo, como Sofitel, Fairmont e Orient Express. Isso porque são duas formas distintas de planejar e praticar hotelaria. Uma estratégia é completamente diferente da outra. Assim, podemos acelerar o desenvolvimento de cada uma dessas divisões em países específicos, com as particularidades de cada categoria.

Outra mudança foi a aposta em franquias. Isso funciona em hotelaria?
Acredito que sim. Nos Estados Unidos esse modelo responde por mais de 80% dos hotéis. Fizemos uma spin-off [divisão] da Accor e da Accor Invest. Isso quer dizer que hoje somos operadores, franqueadores e temos marcas. Fazemos a distribuição, as vendas e o marketing, não somos só proprietários. Com isso, vamos conseguir atrair parceiros e investidores para ter mais 50 hotéis nos próximos três anos e cerca de R$ 3 bilhões em investimento.

Qual o plano para os Estados Unidos?
Os Estados Unidos são para players americanos. Temos inaugurações e projetos para lá, mas muito focado em hotéis de luxo. Os Estados Unidos já têm muitas grandes redes deles. Nos tornamos uma opção para quem busca algo diferente, uma experiência europeia. Por isso, estamos vendo potencial e oportunidades de entrar nas chamadas Gateway Cities, como Nova York, Chicago e Los Angeles. A ideia não é levar para lá nossas 45 marcas, mas ter duas ou três bandeiras.

DHL EM NOVA ROTA

COM INVESTIMENTO DE R$ 1 BILHÃO, EMPRESA ALEMÃ DE LOGÍSTICA FAZ PARCERIA COM A BRASILEIRA LEVU AIR CARGO PARA AUMENTAR A CAPACIDADE DA OPERAÇÃO NACIONAL

Beto SILVA

 | FOTO: GUILHERME RAMOS/DIVULGAÇÃO

INÊS 249

Estimamos crescer pelo menos 12% ao ano com esse projeto. É um passo importante e extremamente necessário para o mercado de carga aérea no Brasil"

SOLON BARRIOS
VP DE TRANSPORTES DA DHL SUPPLY CHAIN

A linha de negócio Suplly Chain da DHL fechou em maio um contrato para entrega de 6 toneladas de carga, que foi movimentada internamente no Brasil. Com pouco espaço nos aviões, o montante foi dividido em seis voos, de companhias aéreas diferentes e, consequentemente, em dias e horários alternados. Demorou um dia apenas para negociar os espaços nas aeronaves. Teve ainda negociação com o cliente para retirada da carga de maneira fracionada no local de saída e, posteriormente, organização de todo o processo de recebimento e armazenamento do material no destino, além do alinhamento da entrega ao destinatário. Foi uma operação de quatro dias entre a retirada no ponto A e entrega no ponto B. Gerou uma ruptura na expectativa do cliente, custos mais altos, ineficiência de processo e maior emissão de CO2. É um exemplo que mostra a dificuldade da atividade logística no País, que tem um de seus principais fatores a falta de capacidade do modal aéreo brasileiro. Para avançar na solução dessa dor, a companhia, líder global em armazenagem e distribuição, fez uma parceria com a Levu Air Cargo, companhia aérea cargueira nacional. O investimento total é de R$ 1,01 bilhão, sendo R$ 480 milhões da DHL e R$ 530 milhões da Levu. Serão quatro aviões que entrarão em operação gradativamente até 2026, o primeiro deles em operação agora, um A321, com capacidade para 27 toneladas. Se aquele contrato para entrega das 6 toneladas fosse fechado hoje, a carga seria imediatamente embarcada e a entrega feita em 24 horas.

SUPORTE ESTRUTURAL
DHL abriu uma filial no Aeroporto de Viracopos, em Campinas (SP), onde era o antigo Terminal da Lufthansa

Vice-presidente de Transportes da DHL Supply Chain, Solon Barrios deposita grande expectativa nessa iniciativa. "Estimamos crescer pelo menos 12% ao ano com esse projeto. É um passo importante e extremamente necessário para o mercado de carga aérea no Brasil", disse o executivo à DINHEIRO, sobre o negócio que está sendo desenhado há dois anos.

As outras três aeronaves Airbus — mais um A321 e dois A330, com capacidade para 59 toneladas — serão colocadas na pista por etapas. Devido à alta demanda do segmento, o segundo avião que só seria disponibilizado no próximo ano, entra em operação já no segundo semestre deste ano. Até o final de 2025 começam os transportes com o terceiro, e a quarta unidade não tem data exata, porque vai depender de como o mercado se comportará. Os parceiros projetam transportar até 4 mil toneladas por mês no primeiro ano de operação, podendo chegar a 10 mil toneladas em 2025. Os principais mercados alvo são de cargas de material de saúde (em especial o farmacêutico), eletroeletrônicos, automotivo e perecíveis. Além disso, por serem aeronaves exclusivamente cargueiras, poderão levar produtos mais pesados, de dimensões maiores e cargas perigosas das classes 1 a 9, com exceção da 7, relacionada ao transporte de material radioativo. Para materiais com controle de temperatura em conexão rodoviária, a parceria de entrega é com a Polar, empresa do Grupo DHL.

As rotas dos aviões da Levu atuarão no eixo Norte-Nordeste-Sudeste. Inicialmente, serão voos diários de Viracopos (Campinas/SP) a Manaus (AM) e três saídas por semana de Viracopos a Recife (PE). No mapa brasileiro, esse escopo forma um pêndulo. E já no segundo semestre é acrescentada a rota Viracopos-Belém (PA)-Manaus, o que é tratado como triângulo pela DHL. "Esse é basicamente nosso plano de viagem. Mas muito provavelmente devemos também abrir voos para outras unidades federativas, o que vai depender do comportamento do mercado", disse Barrios, ao destacar que, a partir da parceria, também haverá conexão com as remessas internacionais transportadas por outras unidades de negócios da DHL, como a Global Forwarding e a Express, o que vai facilitar processos de importação e exportação de mercadorias.

Além dos aviões, a DHL avança na preparação da infraestrutura de suas bases nos aeroportos que fazem parte do projeto. Foram abertas filiais em Manaus, Belém e Campinas (onde era o antigo Terminal da Lufthansa) e ampliou o espaço no Recife. "Continuamos investindo para garantir a confiabilidade em todo o ecossistema. O avião é apenas um elo da cadeia", disse o vice-presidente da companhia logística de origem alemã.

 | FOTOS: THOMAS BANNEYER/DPA PICTURE-ALLIANCE VIA AFP | DIVULGAÇÃO

INÊS 249

CENÁRIO GLOBAL "O Brasil é visto como um dos principais motores que estão alavancando o crescimento da nossa divisão de Supply Chain." A frase de Solon Barrios não é exagero. As oportunidades apresentadas no mercado nacional e os investimentos da DHL no País corroboram com a análise do executivo. É esperada uma evolução dos resultados em território brasileiro, enquanto globalmente a empresa registrou queda na receita em 2023, que fechou em 81,8 bilhões de euros — lucro líquido de 3,67 bilhões de euros. Em 2022, a receita foi recorde, de 94,4 bilhões de euros, com lucro líquido de 5,35 bilhões de euros. A divisão de Supply Chain é responsável por 20,6% das vendas totais — as outras quatro linhas de negócios são Express (29,7%), Global Forwarding Freight (22,1%), Post & Parcel Germany (20,1%) e E-commerce (7,6%).

O CEO global da DHL, Tobias Meyer, foi realista ao avaliar o cenário em seu posicionamento sobre os resultados da companhia no ano passado. Segundo o executivo, o ano de 2023 foi caracterizado por uma economia global fraca e, acima de tudo, por um comércio global reticente. Mesmo nessas condições, as metas do ano foram atingidas. "A nossa elevada rentabilidade nos permite investir continuamente na nossa rede, sustentabilidade, digitalização e nas nossas capacidades de comércio eletrônico e melhorar ainda mais a qualidade para os nossos clientes", disse Meyer. "Estamos muito bem posicionados para as oportunidades e desafios de 2024."

"A elevada rentabilidade nos permite investir continuamente na nossa rede, sustentabilidade, digitalização e capacidades de comércio eletrônico"

TOBIAS MEYER
CEO GLOBAL DA DHL

CONEXÃO
União da alemã DHL com a brasileira Levu Air Cargo é passo importante para o setor nacional de transporte de mercadorias pesadas

Na expansão e modernização da frota intercontinental, a companhia assinou contratos com a Boeing entre 2018 e 2022 para adquirir 28 aeronaves B777. Até o final do ano passado, 22 encomendadas entraram em serviço. As seis restantes serão entregues em 2024 e 2025. Além disso, ao longo de 2023 a DHL seguiu com o aumento da malha aérea com a adição de novas linhas diretas de serviços, o que incluiu uma perna na América do Sul. Os voos dedicados de Miami a São Paulo (VCP) foram estendidos para incluir também a Argentina. A DHL Air UK expandiu suas operações B777 de três para sete cargueiros. A DHL Air Austria adicionou dois B767-300 às suas operações. O hub regional localizado em Atlanta (EUA), inaugurado em 2022, reforçou a capacidade nas Américas. Já o hub global em Cincinnati (EUA) continua recebendo investimentos para uma instalação de manutenção de aviação de última geração. Na região Ásia-Pacífico, três A330-300 foram adicionados pela Air Hong Kong à sua frota. Oriente Médio e África também tiveram avanços. Nos últimos sete anos, foram 22,8 bilhões de euros aplicados em Capex. Uma ação lógica para garantir sustentabilidade nos negócios, que tem o Brasil como rota estratégica para a companhia.

MERCADO DAS ESTRELAS

Responsável por movimentar R$ 400 bilhões ao ano, ou 5,4% do PIB, setor de construção atrai investimentos de celebridades como Neymar, Roberto Carlos, Bruno Gagliasso e Roberto Justus

Letícia FRANCO

Onde investir? No tradicional setor de construção civil! Essa é uma resposta quase unânime entre as celebridades brasileiras. E os números podem justificar essa conclusão. O mercado representa 5,4% do PIB, movimentando mais de R$ 400 bilhões anualmente. Só no primeiro trimestre deste ano, o Valor Geral de Vendas (VGV) chegou a R$ 46 bilhões, número 12,5% maior que o registrado no mesmo período do ano passado, segundo pesquisa divulgada pela Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC). Na lista de investidores conhecidos do segmento, nomes como Neymar, Roberto Carlos, Bruno Gagliasso e Roberto Justus. “O ramo é uma alternativa rentável e segura, mesmo com oscilações, para diversificar os investimentos”, afirmou Anna Lyvia Ribeiro, presidente da Comissão de Direito Imobiliário da OAB-SP.

A beleza natural da região turística do Nordeste atraiu aporte de Neymar, jogador de futebol brasileiro que figura como 17º atleta mais rico do mundo, com patrimônio avaliado em US$ 860 milhões (Statista). Trata-se de uma parceria da Neymar Sports com a Incorporadora Due - que tem o ator Rafael Zulu como um dos fundadores -, para criar a Rota Due Caribe Brasileiro, projeto que consiste no lançamento de 28 empreendimentos imobiliários na região até 2037, com VGV de R$ 7,5 bilhões. São edifí-

 FOTOS: DIVULGAÇÃO

INÊS 249

cios residenciais de alto padrão nas praias de Porto de Galinhas e Carneiros, no estado de Pernambuco, assim como em Maragogi, Japaratinga e Antunes, em Alagoas. O jogador também tem atuação em Balneário Camboriú (SC), com a FG Empreendimentos.

Dentre os investimentos nesse mercado, os imóveis de luxo são os queridinhos dos famosos. As acomodações que proporcionam um estilo de vida sofisticado e exclusivo ostentaram crescimento de 13% de janeiro a setembro de 2023, responsáveis pela movimentação de mais de R$ 14,4 bilhões, de acordo com o indicador Abrainc-Fipe. Segundo Lyvia Ribeiro, investir em empreendimentos de alto padrão é uma tendência, já que os imóveis, quando financiados, são balizados pela taxa Selic, atualmente em 10,50% ao ano. "Tanto residenciais como turísticos, os imóveis de alto padrão são beneficiados pelo lastro de créditos e fundos de investimentos", disse.

Nem só do mundo artístico vivem o cantor Roberto Carlos e o ator Bruno Gagliasso, que também olham para o setor de alto padrão como uma oportunidade de aumentar seus bens. No ramo desde 2011, Roberto Carlos é sócio de uma incorporadora que engloba empreendimentos em São Paulo, Goiás e Sergipe, entre eles o edifício comercial Horizonte JK, no bairro do Itaim Bibi, na capital paulista. Já entre as empreitadas de Bruno Gagliasso, estão duas pousadas em Fernando de Noronha (PE) e o Quinta das Amoras, um residencial em Teresópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, que atingiu VGV de R$ 142 milhões nas primeiras etapas do projeto.

ROBERTO JUSTUS
Empresário e apresentador aposta no setor de construção com a compra da SteelCorp

INOVAÇÃO Embora tenha extensa trajetória como empresário, em especial da área de publicidade, Roberto Justus ingressou no setor de construção apenas em junho do ano passado, com a aquisição da SteelCorp, uma das maiores empresas brasileiras de Light Steel Frame (LSF), segmento da construção industrializada que usa o aço galvanizado como principal elemento estrutural. Ele decidiu construir de perto essa nova etapa da empresa criada há uma década, em Santo André, no Grande ABC. Assumiu como CEO e comanda as estratégias de negócios e investimentos. Prestes a completar seu primeiro ano, a empresa estima R$ 600 milhões de faturamento em 2024 e projeta R$ 1,5 bilhão ao fim de 2025. À Dinheiro, Justus afirmou que ter uma figura pública à frente de negócio trouxe mais visibilidade. "É uma exposição maior para o setor em geral. Vejo como uma oportunidade de contribuir para o crescimento da indústria através de trabalhos institucionais", disse. Como publicitário, Justus considera fundamental separar os conceitos de notoriedade e autoridade em uma parceria entre empresa e figura pública. "Adequar o tipo de público e produto a uma personalidade que de fato atinja o consumidor." E, assim, para brilhar também nos palcos do mercado imobiliário.

46 BILHÕES
VALOR GERAL DE VENDAS (VGV) DO 1º TRIMESTRE DE 2024, AUMENTO DE 12,5% SOBRE O MESMO PERÍODO DE 2023

13%
FOI O CRESCIMENTO DOS IMÓVEIS DE MÉDIO E ALTO PADRÃO (MAP) DE JANEIRO A SETEMBRO DO ÚLTIMO ANO

O TRAJETO AGITADO DA UBER

Há uma década no Brasil, a plataforma de transporte por aplicativo se tornou sinônimo do setor ao mesmo tempo que protagoniza impasses trabalhistas

Letícia FRANCO

SILVIA PENNA
Diretora-geral da Uber no Brasil destaca a presença da plataforma nas principais cidades do País

INÊS 249

Desde a Revolução Industrial, toda empresa que quebra um paradigma marca o seu tempo. É o caso da Uber, que ao solucionar um problema de mobilidade urbana com uma alternativa de transporte mais acessível, aliando tecnologia e preços mais baixos que o tradicional táxi, também se transformou em sinônimo da maior mudança nas relações de trabalho das últimas décadas. Em evento para comemorar os 10 anos das operações da norte-americana no Brasil, que chegou às vésperas da Copa do Mundo de 2014, a empresa registrou grandes feitos ao longo dos anos, entre eles o fato de ter sido fonte de renda para 5 milhões de pessoas no País. Se é um de seus maiores triunfos, também consiste em um dos principais dilemas: conduzir a relação de trabalho dos motoristas parceiros que nos últimos anos se tornou alvo de ações judiciais e tentativas de regulamentação por parte do governo.

Essa relação de trabalho informal, que ficou popularmente conhecida como "uberização", não é a principal disputa que a companhia trava em território brasileiro. Logo no início da sua jornada, enfrentou a animosidade com os taxistas e ficou à margem da legislação. Em São Paulo, o aplicativo foi alvo de uma liminar que proibia seu uso, mas ela foi logo derrubada. No entanto, conforme o serviço era oferecido, a Uber ganhou espaço e se consolidou no mercado. "Hoje, operamos em todas as capitais e mais de 500 cidades. Já transportamos 125 milhões de passageiros", afirmou Silvia Penna, diretora-geral da Uber no Brasil.

Superado esse primeiro obstáculo, a empresa precisou lidar com as tensões com os próprios motoristas cadastrados na plataforma. Em 2017, a Justiça julgou pela primeira vez o vínculo empregatício entre o motorista e a Uber. Na prática, era um processo para tentar estabelecer diretrizes na relação de trabalho. A empresa saiu vitoriosa. Segundo Olivia Pasqualeto, professora de direito do trabalho e previdência da FGV, trata-se de um período turbulento, com pouca resolução. Foram mais de 100 projetos de lei, com as mais distintas abordagens sobre o tema e de todas as esferas de poder. "As incertezas que permeiam até hoje são, em parte, resultados da complexidade da atuação da plataforma." O vínculo não é negociado quando o motorista se torna parceiro, porém, o aplicativo é controlado por uma empresa, o que pode gerar uma interpretação de relação de trabalho.

5 milhões
DE PESSOAS JÁ UTILIZARAM A PLATAFORMA COMO FONTE DE RENDA

125 milhões
É O NÚMERO DE PASSAGEIROS ATENDIDOS DURANTE UMA DÉCADA DE OPERAÇÃO NO PAÍS

500
DE CIDADES ONDE A UBER ATUA, COM PRESENÇA EM TODAS AS CAPITAIS

PRÓXIMA PARADA No ano em que completa uma década no Brasil, uma nova rota começa a ser percorrida pela Uber. Após meses de negociação e adiamentos, o governo do presidente Lula enviou ao Congresso, em março, um projeto de lei que estabelece uma nova categoria de vínculo empregatício: trabalhador autônomo por plataforma, com direitos como limite de jornada de trabalho, remuneração por hora e contribuição previdenciária. O projeto que aguarda discussão do Congresso foi elaborado a partir de discussões entre governo, trabalhadores e empresas, como a própria Uber. De acordo com especialista da FGV, se aprovado, as plataformas terão de desenvolver mecanismos para atender às exigências. Mas, diante da proposta atual, o desfecho tende a ser ainda favorável para as empresas do setor. "Foi um meio-termo para dar continuidade a uma atividade que gera renda para milhões de brasileiros", afirmou Pasqualeto.

A rota planejada pela Uber envolve a expansão de serviços no País, que vão desde mais parcerias com taxistas até soluções de saúde e uma categoria de carros híbridos e elétricos, segundo Dara Khosrowshahi, CEO global da plataforma. Além do investimento de R$ 1 bilhão nos próximos cinco anos para o Tech Center da companhia em São Paulo. Porém, os novos trajetos da companhia em um de seus maiores mercados dependem das resoluções trabalhistas. Assim como transformou todo setor com a sua chegada, a Uber também pode fazer parte de um novo marco das relações de trabalho do século XXI. S

CEO GLOBAL Dara Khosrowshahi anunciou novas categorias para o Brasil e investimentos em tecnologia

FOTOS: CLAUDIO GATTI

Modelo da S2 Farma tem os estoques controlados por robôs, que aceleram a busca dos produtos e automatizam a reposição, reduzindo o risco de falhas humanas e deixando os funcionários dedicados ao atendimento do cliente

Allan RAVAGNANI

FARMÁCIA HI-TECH

O conceito de 'futurístico' não necessariamente precisa seguir o imaginário popular inspirado nas obras de ficção científica do início do século XX, com carros voadores e robôs substituindo humanos. Mais ou menos. Os carros voadores estão próximos de chegar, enquanto os robôs estão cada vez mais atuantes na função de auxiliar e acelerar processos antes feitos somente pelo braço humano. Na S2 Farma, farmácia conceito inaugurada em outubro de 2023, na zona sul de São Paulo, a conexão entre pessoas e máquinas está precisamente calibrada para proporcionar a plena experiência do cliente, otimizar as operações e reduzir custos do negócio.

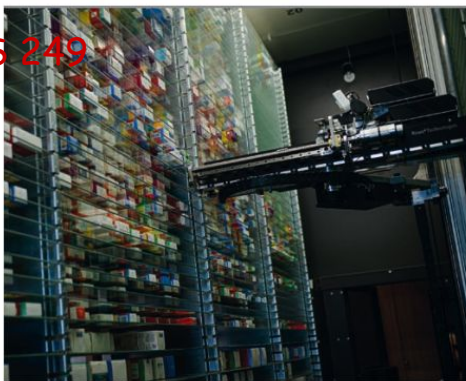
Fruto de um estudo de três anos sobre o varejo farmacêutico, a primeira loja da S2 Farma está instalada na Marginal Pinheiros, no lado oposto ao Panamby, junto a um posto de combustíveis que recebe milhares – sem exagero – de clientes por dia. O bairro da Chácara Santo Antônio está em amplo crescimento, mesclando prédios de moradia, empreendimentos corporativos e dezenas de galpões industriais fora de funcionamento. A unidade, de 200 m² de área, deve ser somente a primeira de um ambicioso de plano de expansão para 230 lojas em cinco anos.

A intenção é expandir a rede para 230 lojas em cinco anos, usando capital próprio e abrindo para franqueados"

PEDRO P. FRIGERIO
COO DA S2 FARMA

A ideia da futura rede é criar um ambiente agradável ao cliente, reunindo no mesmo espaço a venda de medicamentos, cosméticos e produtos de beleza juntamente com serviços de atendimento primário, como aplicação de vacinas, exames de resposta rápida e uma plataforma de telemedicina. Além disso, no segundo andar, a loja dispõe de um espaço de beleza completo onde os clientes podem trocar seus pontos do programa de fidelidade por serviços prestados no local. "A cliente pode utilizar os pontos que acabou de acumular em uma compra de produtos para o cabelo e trocá-los por uma escova ali mesmo, se houver a disponibilidade", afirmou o diretor de operações, Pedro Paulo Frigerio.

NEGÓCIO Ser apenas uma loja "instagramável", ou dizer que é "uma farmácia que não tem cara de farmácia", não é suficiente

LOJA CONCEITO
Fachada da S2 Farma inaugurada em outubro passado na Marginal Pinheiros, zona sul de São Paulo

TECNOLOGIA
No alto, o robô organizador do estoque. Acima, as etiquetas eletrônicas que são atualizadas automaticamente, permitindo promoções dinâmicas

para fazer a S2 Farma decolar como planeja, e o jovem executivo tem plena consciência disso. "No estudo que fizemos, foi feita uma análise profunda das defasagens e fragilidades do setor, então a S2 se propôs a construir um projeto inovador, capaz de suprir as demandas e desejos dos consumidores de uma maneira estratégica e tecnológica", disse. Para seguir no plano de expansão, a S2 Farma se prepara para um road show em que serão apresentados três modelos de lojas. O maior deles, denominado Experience, prevê 30 estabelecimentos de cerca de 400 m², em bairros nobres ou shoppings. "Teremos também 100 lojas de tamanho intermediário, como o da unidade modelo, e 100 menores em formato pop-up", afirmou. O faturamento mensal médio previsto para as lojas da rede é de R$ 2,5 milhões, podendo variar de acordo com o formato.

A automação também não é uma mera questão cosmética, com o perdão do trocadilho. Com o sistema, a loja consegue trocar todos os preços em 10 minutos. Além disso, um sistema de câmeras controla a reposição e a manutenção de estoque. Há também uma prateleira virtual, que disponibiliza uma maior gama de produtos que podem não estar presentes na loja, diminuindo um problema comum no varejo. Caso o produto esteja em falta, a distribuidora entrega na casa do cliente em uma hora. Já o robô dispensador de medicamentos gerencia a curva de venda, a validade dos produtos e os pedidos por aplicativo, reduzindo as perdas financeiras com remédios vencidos e facilitando o controle de estoque. Durante a compra, o cliente pode receber atendimento virtual. E se quiser, também pode pagar no autoatendimento. Além das facilidades, a tecnologia traz vantagens como modelo de negócio. A automatização permite que os funcionários fiquem dedicados ao cliente. "Investimos bastante em treinamento para que os funcionários saibam lidar com os modernos sistemas que instalamos. Também desenvolvemos um plano de carreira para que eles se aprimorem e possam crescer dentro do negócio e da empresa", diz Frigerio.

INVESTIMENTO O custo para abertura de uma loja de tamanho médio, como a já aberta, é de cerca de R$ 3 milhões. A empresa, no entanto, gastou mais de R$ 10 milhões na concepção e criação da unidade. Futuramente, o modelo de negócios prevê franquiar unidades, mas sempre em sociedade com o fundador para garantir a padronização dos processos e a excelência dos serviços. Dentro do plano de negócios para os franqueados, após determinado tempo de operação e com todos os pilares seguidos à risca, eles terão a opção de comprar a outra metade.

INÊS 249

Empresas e startups brasileiras que estão avançando no processo de descarbonização energética mostram que o Brasil pode liderar globalmente a agenda do setor

Menos emissões, mais energia

Allan RAVAGNANI

Junto do avanço tecnológico proveniente das inteligências artificiais, big techs, blockchain e criptomoedas, vem a preocupação com o aumento do consumo de energia para alimentar os gigantescos data centers espalhados ao redor do mundo. A pesquisa por novas — e mais limpas — formas de energia não para. No entanto, as mudanças de matrizes energéticas precisam ser postas em prática desde já, com o que se tem em mãos. Diante desse cenário, seis empresas brasileiras estão trabalhando para acelerar a descarbonização energética no Brasil, mostrando que o País pode liderar essa agenda.

No ano passado, o planeta aumentou em 50% a capacidade de geração de energia limpa em relação

FOTOS: FREEPIK | DIVULGAÇÃO

“Nosso sistema é completamente brasileiro, uma tecnologia única, que pode livrar a humanidade dos fios”

FERNANDO DESTRO
CEO DA IBBX

a 2022, com o acréscimo de 510 gigawatts, o equivalente a 36 usinas de Itaipu, fomentados principalmente por energia solar fotovoltaica, que respondeu por três quartos das adições em todo o mundo. Em 2023, o setor elétrico brasileiro registrou o menor índice de emissões de CO^2 desde 2011, segundo dados do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação. É um movimento global ao qual o Brasil tem respondido muito bem. Em 2024, os investimentos em novas matrizes energéticas devem aumentar 25% na comparação com 2023 e chegar a US$ 800 bilhões, devendo atingir a US$ 1 trilhão em 2030. A ONU estima que os países em desenvolvimento precisam de um investimento anual de US$ 2,4 trilhões até 2030 para acelerar as soluções.

Dados do Fundo Monetário Internacional apontam que 80% dos recursos necessários para o planeta atingir as metas de investimentos verdes até 2030 devem partir de agentes do capital privado. Um desses agentes é a GEF Capital Partners, uma gestora global de private equity que investe em empresas que contribuam com soluções para enfrentar as mudanças climáticas. Formada em março de 2018 e com escritórios no Brasil, Estados Unidos e Índia, a GEF investe na transição energética, soluções urbanas e agricultura sustentável. No setor de energia, já foram 14 investimentos, sendo cinco no Brasil. Dentre eles, a UCB, empresa de soluções em armazenamento de energia. Há ainda a Automa, que oferece soluções tecnológicas para operação e ganho de eficiência para o setor elétrico, que possui um total de 38 gigawatts de potência instalada em usinas renováveis usando suas soluções — o que equivale a 25% de toda geração renovável do País.

A Automa, por exemplo, apoia a geração de um quarto da energia de todo o Brasil. Líder no fornecimento de soluções tecnológicas para operações no setor elétrico, possui mais de 1 mil projetos entregues, 50 centros de operações, mais de 200 subestações com tecnologia desenvolvida pela empresa e um total de 38 gigawatts de potência instalada em usinas com as suas soluções. O impacto positivo gerado pelas tecnologias da Automa é capaz de evitar a emissão de mais de 27 mil toneladas de CO^2 por ano na atmosfera. Já a startup Luz, além de fornecer energia a partir de dez fazendas solares, desenvolveu um dispositivo próprio e exclusivo no mercado, o Medidor Inteligente, que é instalado gratuitamente no quadro de energia dos clientes. Os sensores do medidor identificam o comportamento de cada equipamento elétrico e enviam as informações para o aplicativo, onde o usuário tem visibilidade do consumo de energia elétrica em tempo real, vendo o quanto está gastando por hora, dia, mês e até por aparelho, e ainda recebe dicas personalizadas para um consumo mais eficiente. Hoje, a Luz está presente em mais de 750 municípios brasileiros, atendendo tanto casas quanto empresas de baixa tensão, pelas distribuidoras CPFL Paulista, Elektro, Neoenergia Brasília, Energisa Mato Grosso do Sul, EDP São Paulo e Light.

A IBBX foi reconhecida como a startup mais disruptiva do Brasil no South Summit 2024. A empresa é pioneira no desenvolvimento de tecnologia capaz de capturar a energia perdida no ar e convertê-la em eletricidade. Na prática, transforma ondas eletromagnéticas que estão no ar em energia móvel, sem fios, por meio de um pequeno dispositivo, parecido com um modem de internet. Com essa abordagem única na transmissão e recepção de energia sem fio e um protocolo de comunicação próprio de longo alcance e baixo custo, a IBBX aplica sua tecnologia a soluções em IoT, captando e tratando milhares de dados em campo, digitalizando desde máquinas industriais até cultivos agrícolas, sempre por meio de energia captada no ar. O grande objetivo é acabar com os cabos de carregadores e fazer com que tablets, smartphones e computadores nunca descarreguem. Com um sensor que dispensa bateria, o sistema gera uma reciclagem de energia, usando-a como fonte para aparelhos eletrônicos de pequeno porte. Toda essa tecnologia foi patenteada recentemente pela United States Patent and Trademark Office (USPTO), nos Estados Unidos, e pelo Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI), no Brasil. Isso significa que a tecnologia da IBBX está referenciada pelas autoridades destes países para ser aplicada em outros produtos. Ao todo, são quatro patentes já conquistadas em ambos os mercados que a tornam a startup com maior número de patentes do mercado de energia sem fio em toda a América. S

“Estamos ligados aos movimentos de transição energética para proporcionar mais eficiência”

MARCELO FERREIRA
CEO DA AUTOMA

“A tendência é que fique cada vez mais barato gerar energia, e que o consumidor pague menos na conta”

RAFAEL MAIA
CEO DA LUZ

INÊS 249

O MERCADO TRILIO

As assinaturas on-line movimentaram mais de US$ 1 trilhão em 2023, representando 28% do e-commerce global. A projeção é de que cresçam 18% ao ano, podendo representar um terço do total de vendas digitais até 2025. Na América Latina, evolução da economia de assinaturas progrediu em fases. No início da década de 2010, limitava-se a setores como jornais, revistas e serviços de TV a cabo. De 2015 a 2020, o e-commerce evoluiu, removendo barreiras de pagamento e introduzindo empresas internacionais e aplicativos móveis. A pandemia expandiu os horizontes das assinaturas. Atualmente, os setores de mídia, serviços digitais e software respondem pela maior parte das receitas. No entanto, segmentos como os de varejo, jogos e educação estão começando a adotar as assinaturas, embora ainda sejam influenciados por modelos mais tradicionais. Novas oportunidades para modelos recorrentes inovadores estão surgindo nos setores de serviços profissionais, transporte, dispositivos tecnológicos, viagens e hospedagem. Em 2023, a economia de assinaturas da América Latina foi estimada em US$ 20 bilhões. A expectativa é que dobre até 2026. Veja o desenvolvimento do mercado de assinaturas, de acordo com estudo elaborado pela Payments and Commerce Market Intelligence, encomendado pela Stripe.

O SISTEMA MANUAL DO GOOGLE PARA CORRIGIR IA

Uma das empresas mais tecnológicas do mundo, avaliada em US$ 2,1 trilhões, tem removido de forma manual algumas respostas estranhas geradas por sua Inteligência Artificial. Entre alguns apontamentos feitos pela IA estão adicionar cola na pizza ou para as pessoas comerem pedras. Essas visões estão sendo postados nas redes sociais, mas estão sumindo a medida em que a plataforma tem apagado de seus arquivos essas respostas. Apesar disso, o Google tem afirmado que a AI Overview, que está sendo testada em beta desde o ano passado, fornece em grande parte "informações de alta qualidade" aos usuários. E que muitas respostas são provenientes de consultas incomuns ou de conteúdos adulterados. Mas admitiu que está tomando medidas rápidas para remover as visões gerais de IA em certas perguntas, para desenvolver melhorias mais amplas nos sistemas.

US$ 6 BILHÕES

levantou a startup xAI, de Elon Musk, para financiar sua corrida contra o ChatGPT e outras empresas que possuem Inteligência Artificial no core. A xAI, que lançou o chatbot Grok, está avaliada em US$ 18 bilhões, e busca construir seu próprio supercomputador de IA até o final de 2025.

C

INFOGRÁFICO: FABIO X | FOTOS: AFP | AETOSWIRE | DIVULGAÇÃO

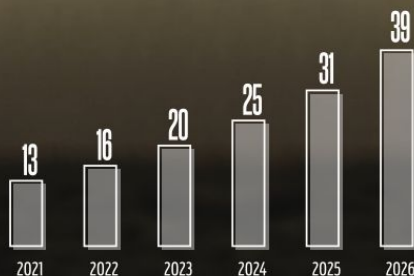
INÊS 249

O CENÁRIO DE ASSINATURAS DIGITAIS

NO MUNDO
(US$ trilhões)

2020	2021	2022	2023	2024	2025
0,65	0,77	0,91	1,07	1,26	1,49

NA AMÉRICA LATINA
(US$ bilhões)

2021	2022	2023	2024	2025	2026
13	16	20	25	31	39

EVOLUÇÃO NA REGIÃO

30% foi o crescimento tanto do e-commerce quanto da economia de assinaturas em 2020 e 2021 *(anos da pandemia)*

24% ao ano, até 2025, é a projeção de crescimento da adoção de assinaturas

70% dos consumidores fazem compras on-line

66% do mercado de e-commerce da América Latina estão no Brasil e México

ONDE E COMO **SEUS VÍDEOS SÃO CONSUMIDOS?**

A resposta a essa indagação é dada pela nova solução da Winnin, plataforma de IA que transforma dados de consumo de vídeo em insights. A ferramenta de análise de share de atenção em vídeos identifica e pondera quanto os conteúdos estão sendo consumidos, seja em canais próprios ou gerados pelos usuários e concorrentes. Permite estudar em tempo real a evolução de uma campanha de marketing para que seja reavaliada e que mudanças ocorram ainda com a ação em movimento. "As áreas de marketing avaliavam o alcance, acertos e erros de uma ação, otimizando apenas a distribuição", disse Gian Martinez, cofundador e CEO na Winnin.

MAIS PRECISÃO NA **ANÁLISE DE RISCO**

Com mais dados e uso de IA, a Quod lançou o Score Comportamental de Crédito SCC 5.0. O nome é grande e complexo, mas promete melhorar a precisão da análise de risco de crédito, com melhor visão de hábitos de consumo e insights. "Conseguimos considerar uma série de dados, que variam de informações públicas até análises de comportamento e históricos", disse Ricardo Kalichztein, CEO da datatech. "Com o uso de IA, conseguimos trazer maior exatidão as tendências de comportamento, aumentando a acurácia dos dados e permitindo novas relações entre a pontuação e as empresas."

INÊS 249

LINKEDIN ATUALIZA O

Rede social para profissionais alcança 75 milhões de perfis no Brasil, atrai a Geração Z e avança em Inteligência Artificial

Beto SILVA

Funcionário número 2 do LinkedIn no Brasil, Milton Beck ingressou como executivo da plataforma em 2012, quando a rede tinha um pouco menos de 5 milhões de perfis. Em suas visitas às empresas, os responsáveis pelo setor de RH tinham basicamente suas demandas. Pediam para retirar os perfis dos funcionários da companhia e gostariam de ser avisados quando um colaborador atualizasse suas informações. O motivo era claro: evitar a saída dos trabalhadores, pois o LinkedIn era o canal efetivo de busca por profissionais, além do tradicional recebimento do currículo por e-mail. Essa busca ativa era vista como antiética. Corta para 2024. Depois de um trabalho intenso para mudar esse cenário, o LinkedIn acaba de bater a marca de 75 milhões de usuários no Brasil — 7,5% dos 1 bilhão em todo mundo — e se consolida como o terceiro maior mercado do mundo da plataforma, atrás apenas de Índia (2º) e Estados Unidos (1º). "Quem não está no LinkedIn hoje está quase invisível para o mundo corporativo", afirmou Beck, que em agosto completa 8 anos como diretor-geral do LinkedIn para América Latina e África.

A evolução continua, com cerca de 20 mil novas páginas por dia, quase 150 mil por semana. Com uso muito diferente de uma década atrás, quando empregados e empregadores não sabiam utilizar o potencial da plataforma e a utilizavam apenas para preencher vagas e procurar emprego. Atualmente com uma melhor noção de seu papel na rede, companhias e profissionais exploram a ferramenta para branding, relação e negócios B2B, e desenvolver aprendizado.

Os tipos de trabalhadores também mudaram. Se no começo da jornada do LinkedIn estavam por lá os cargos do meio da pirâmide de organizacional, como analistas e gerentes, com o pessoal do operacional e do comando de fora dessa conversa, hoje tem a base e o topo da pirâmide presente — e atuante. As demandas, obviamente, também evoluíram. Os pedidos são para ter mais funcionários cadastrados na rede, dicas de como aparecer mais na plataforma, como ter uma presença mais executiva, de que maneira os posts podem ter mais engajamento. "A evolução das conversas com os setores de RH foi substancial nesse período", disse Beck. "E mais: o interesse das empresas brasileiras por soluções e os problemas que elas nos trazem para resolver são similares aos de corporações da

 FOTOS: CLAUDIO GATTI | M. SANTIAGO/GETTY IMAGES VIA AFP

INÊS 249

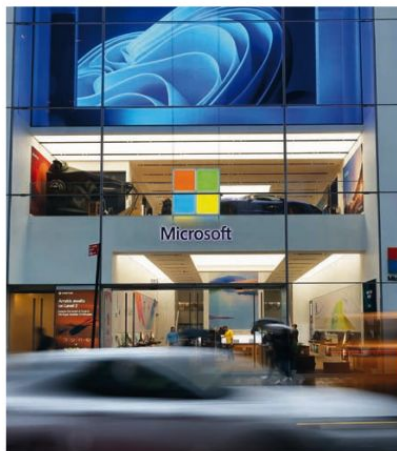
PERFIL

"Quem não está no LinkedIn hoje está quase invisível para o mundo corporativo"

MILTON BECK
DIRETOR-GERAL DA REDE NA AMÉRICA LATINA E ÁFRICA

Europa, dos Estados Unidos e da Ásia. Isso mostra nosso grau de maturidade", frisou o diretor.

De fato, o Linkedin deixou de ser a ferramenta usada pelos chamados information workers, os que trabalham na frente de um computador, para ter um leque gigantesco de profissionais que querem mostrar sua atividade, seu talento e suas habilidades. Para se ter ideia da diversidade, atualmente são 237 mil perfis de enfermeiras(os), 140 mil mecânicos(as), 106 mil garçonetes/garçons, 25 mil maquiadoras(es) e 500 palhaços profissionais. A maioria em busca de conhecimento, conexões e oportunidade de desenvolvimento de carreira. "E inclusive, eventualmente, mudando de emprego também", pontuou Beck.

Tem atraído uma gama de diferentes profissionais e de diferentes gerações. A Geração Z, que em 2010 formava 2,5% dos perfis na rede, hoje é de 40%. Gabriel Marques, de 26 anos, é um deles. Ele é estrategista de mídias sociais, uma das 25 profissões em alta para 2024, de acordo com levantamento do LinkedIn. Entrou na plataforma logo que ingressou no mercado de trabalho. "Percebi a importância de construir minha rede profissional. Isso era essencial tanto para buscar vagas de emprego, quanto para aprender mais sobre as funções e setores que me interessavam", disse Marques, que inicialmente se conectou com colegas de sala de aula e professores, seguiu profissionais e empresas onde gostaria de trabalhar um dia. Candidatou-se a uma vaga que soube pela rede, foi contratado e está prestes a completar um ano na agência. Em seu perfil, compartilha dicas de cursos, projetos de impacto

PROPRIETÁRIA E PARCEIRA
LinkedIn tem em sua plataforma a tecnologia embarcada da Microsoft, que comprou a rede em 2016. Destaque para o Copilot, seu assistente de chatbot lançado ano passado

INÊS 249

"Construir minha rede profissional era essencial tanto para buscar vagas de emprego, quanto para aprender mais sobre as funções e setores que me interessavam"

GABRIEL MARQUES
ESTRATEGISTA DE MÍDIAS SOCIAIS

de empresas que admira e informações relevantes para sua área de atuação. "Acompanho de perto os Top Voices [especialistas convidados pelo LinkedIn] da Geração Z, especialmente aqueles que falam sobre diversidade, porque sinto que esses conteúdos são mais próximos da minha realidade", afirmou o estrategista, que se descreve na rede como "criativo, negro, curioso, inquieto, cinéfilo, gamer, redator, publicitário e o que der mais pra ser". E "sempre sujeito a alterações", complementou ele. Assim como o LinkedIn.

EVOLUÇÃO Se as empresas e os profissionais se desenvolveram, foi porque o LinkedIn também se desenvolveu. Era mais estático, com criação dos perfis que ficavam parados. A implementação dos Top Voices, equipes editoriais da própria rede que fazem curadoria de notícias, criação de uma vertente educacional com 21 cursos disponíveis e a evolução para uma plataforma de publicidade foram alguns dos fatores que alavancaram os conteúdos. A ponto de a rede ser hoje o canal de informação e divulgação de notícias e dados em primeira mão. O histórico show da Madonna, em Copacapana (RJ), no dia 4 de maio, com presença de 1,6 milhão de pessoas, foi anunciado primeiramente no LinkedIn. Saídas de executivos, contratações de CEOs, dados de mercado, iniciativas corporativas... Muita informação é veiculada em primeira mão na plataforma.

E agora entra a fase da Inteligência Artificial. Por um lado, são oferecidos 600 tipos de treinamentos para utilização desse tipo de tecnologia. Por outro, a aplicação de IA no negócio do LinkedIn para facilitar a busca por profissionais que se encaixam nas vagas. E ainda a ferramenta para auxiliar o usuário a melhorar seu perfil ou a que funciona como uma espécie de coach. Nessa linha, o profissional relata onde está posicionado no mercado de trabalho e onde quer chegar. A solução responde qual o caminho percorrer e o que deve ser feito para alcançar o objetivo, em algo muito parecido com uma consultoria de carreira. Com uma vantagem em relação às redes concorrentes: a tecnologia embarcada da Microsoft e o seu assistente Copilot, lançado ano passado e que representa um marco na evolução em IA da companhia, dona do LinkedIn desde 2016. Assim o LinkedIn chega a 75 milhões de usuários e atualiza seu próprio perfil no Brasil. ■

PROCRASTINAR É MÁ GESTÃO DO TEMPO OU FALTA DE ENGAJAMENTO DO SEU TIME?

HEVERTON PEIXOTO
É ENGENHEIRO CIVIL COM MBA EM CORPORATE FINANCE NO INSEAD, CEO DO GRUPO OMNI E CONSELHEIRO DO INSTITUTO DE INOVAÇÃO EM SEGUROS E RESSEGUROS DA FGV

O nosso dia a dia é marcado por uma pressa constante. A cultura da correria parece ditar as normas e, a cada momento, somos designados para tarefas urgentes, expectativas e novos compromissos. Tudo é muito rápido, para agora e precisa gerar resultados.

Essa cultura é, na maioria das vezes, alimentada por uma série de fatores externos e internos. Externamente, há a influência da sociedade e do mundo corporativo, que impõem padrões de produtividade e sucesso. As tecnologias modernas, que por um lado nos proporcionam conveniência e eficiência, também nos mantêm constantemente conectados e disponíveis, muitas vezes dificultando a desconexão e o descanso.

Internamente, a cultura da correria pode estar enraizada em nossas próprias crenças e comportamentos, como o medo do fracasso, a busca incansável pela perfeição e a dificuldade em dizer não podem nos levar a assumir mais do que somos capazes de lidar, resultando em sobrecarga e estresse.

Na contramão desse cenário de frenesi, a procrastinação surge como um sintoma preocupante, afetando a capacidade de lidar eficientemente com as demandas da vida cotidiana. Ela aparece como um fenômeno universal e atemporal com causas biológicas, psicológicas e sociais. Embora alguns sofram mais com ela do que outros, ninguém consegue fugir totalmente da tentação de adiar algumas atividades.

Para entender mais sobre o assunto, precisamos dar um passo para trás e saber que essa conduta é resultado de uma batalha entre duas áreas cerebrais que se desenvolvem em momentos diferentes da vida humana. O córtex pré-frontal está ligado ao planejamento e à organização. Já o sistema límbico, que é o inconsciente, só quer saber dos prazeres imediatos. Não à toa, muitas vezes deixamos de fazer algo por obrigação para realizar algo simplesmente porque queremos.

Por mais natural que seja, principalmente por algumas tarefas serem mais urgentes que outras, quando a procrastinação faz com que o indivíduo deixe de cumprir suas obrigações ela se torna um problema crônico, duradouro e prejudicial.

> **"Por mais natural que seja, quando a procrastinação faz com que o indivíduo deixe de cumprir suas obrigações ela se torna um problema crônico, duradouro"**

Para que essa questão não seja um obstáculo no trabalho, muitas pessoas utilizam técnicas de gestão do tempo que incluem planejamento, organização e disciplina para conseguirem administrar os processos e seu tempo de forma eficiente. Dessa forma, passam a serem reconhecidas por sua produtividade.

É importante reconhecer que a produtividade não deve ser medida apenas pela quantidade de tarefas realizadas, mas também pela qualidade de vida que conseguimos desfrutar. Aprender a encontrar um equilíbrio entre trabalho e lazer, compromissos e horas livres são essenciais para cultivar uma relação mais saudável com o tempo e reduzir a tendência à procrastinação.

Como líder, entendo também que a falta de engajamento pode estar associada à procrastinação. Então, colaboradores engajados tendem a procrastinar menos. Dessa forma, quando a gestão está focada em construir uma cultura de engajamento de maneira estratégica, a equipe tende a ampliar seu nível de conexão com o trabalho e, consequentemente, aumenta a produtividade em relação às atividades.

Entendo que esse processo de engajamento é gradual e deve fazer parte do planejamento estratégico da empresa e da liderança. Isto envolve não apenas fornecer recursos e oportunidades para o desenvolvimento profissional, mas também criar um ambiente de trabalho inclusivo, transparente e de apoio mútuo. É preciso cuidar das pessoas para obter sucesso nos negócios.

INÊS 249

FRETAMENTO PRIVADO COM A MARCA FOUR SEASONS

A rede de hospitalidade de luxo Four Seasons pela primeira vez disponibiliza um serviço de fretamento privado. No Four Seasons Private Jet, assim que a viagem é reservada, o time de concierges do grupo planeja um roteiro customizado com a rede dos hotéis e resorts Four Seasons ao redor do mundo. Entre as propostas, maratonas em frente à telas que podem ser combinadas com a visita às locações de blockbusters e séries de sucesso como *The Crown*, *Emily em Paris* ou *007 - Operação Skyfall* – todos filmados em hotéis e resorts Four Seasons, Aliás, as duas primeiras temporadas da série *The White Lotus* tiveram como locações as propriedades da rede em Maui, no Havaí, e Taormina, na Itália. Para os fãs de esportes, será possível acompanhar de perto grandes eventos em agosto, como os Jogos Olímpicos de Paris, partidas de futebol na Europa e o US Open de tênis em Nova York. Os roteiros podem ser customizados, incluindo passeios com guias. Mas essa experiência é para poucos. A reserva completa custa cerca de 115 mil dólares por dia, com todos os voos e serviços de bordo, incluindo refeições e serviços de aeroporto, quando aplicável. Traslados terrestres, pernoites, refeições no local, passeios e ingressos podem ser organizados por um custo adicional. O Four Seasons Private Jet é um Airbus A321neo-LR customizado com 48 assentos planos de couro. Inclui o espaço de convivência, wi-fi e banheiros extragrandes com espelhos de corpo inteiro. Um chef prepara refeições inspiradas nos destinos. O atendimento é feito por dez tripulantes, incluindo seis comissários, médico e concierge. O serviço funcionará por tempo limitado. As reservas estão abertas apenas entre 4 e 26 de agosto e 20 e 27 dezembro de 2024. Mais detalhes em www.fourseasons.com/privatejet

SOFISTICAÇÃO NO AR Interior e exterior do Four Seasons Private Jet, um Airbus A321neo-LR customizado com 48 assentos que percorrerá roteiros com unidades da rede. abaixo, o resort no Hawai que poderá ser visitada e onde a série *The White Lotus* foi gravada

 FOTOS: DIVULGAÇÃO

DIRETO DE MÔNACO

ALTA GASTRONOMIA CHINESA EM SÃO PAULO

Foi inaugurada em São Paulo a primeira unidade do Song Qi, renomado restaurante de gastronomia chinesa de Mônaco, fora do principado europeu. O cardápio é uma reprodução fiel do original monegasco, incluindo dumplings, woks e chicken satay e o famoso pato de Pequim laqueado, uma especialidade com disponibilidade limitada pelo longo processo de preparo, que leva aproximadamente 72 horas. Para reproduzir o requinte do original, o chef Ad Yamashina e os cozinheiros líderes Hector Shinohara e Ana Paula Wenzel passaram cinco meses em Mônaco recebendo treinamento do renomado chef chinês Chai Chu Lee. Estabelecido em 2014 no principado europeu, o Song Qi também planeja unidades em Nova York, Londres e Dubai. A unidade paulistana fica nos Jardins, ao lado do Beefbar, que também pertence ao grupo liderado pelo ex-piloto Felipe Massa e por Dudu Massa, Ruly Vieira, Riccardo Giraudi e Rodolfo Tamborrino.

DOS ANDES

A PRODUÇÃO SELECIONADA DO **CROMAS CABERNET FRANC**

Umas das castas mais antigas e tradicionais para a produção de vinhos de qualidade, a Cabernet Franc não reina como sua "herdeira", a Cabernet Sauvignon, que virou dominante nos vinhedos de Bordeaux e, daí, ganhou o mundo. Ela é cultivada sobretudo na França, mas também é utilizada na elaboração de grandes vinhos em outras regiões. Uma das principais é o Chile, onde o domínio Los Vascos, associado ao Rothschild Lafite, produz no Valle de Colchagua o Cromas Cabernet Franc. O rótulo é de minúscula produção, elaborado com uvas de parcelas plantadas a partir de 2009. O vinhedo de altitude elevada, com exposição solar favorecida e solo que combina argila e granito, é o ideal para a casta. Maturado 12 meses em barricas de carvalho francês, é importado pela Mistral (www.mistral.com.br).

PARA AVENTUREIROS

UM ROLEX PARA MERGULHADORES

Uma versão original para quem se aventura no mar, o Oyster Perpetual Rolex Deepsea é o primeiro exemplar da marca em ouro amarelo 18 quilates preparado para o mergulho em profundidade. O relógio apresenta uma combinação inédita de materiais, incluindo cerâmicas especiais de alta tecnologia que contribuem para a resistência à pressão e apresentam propriedades antideformação. A nova versão do Deepsea apresenta detalhes em azul no bisel (em cerâmica), com gradação de 60 minutos, e o mostrador inclui sinais que apresentam o dobro de luminescência de outros materiais, o que permite uma melhor visão em alta profundidade. A caixa de 44 mm, garantidamente à prova d'água, suporta profundidades de até 3,9 km. Disponível no Brasil a partir de junho, preços sob consulta.

INÊS 249

AS APOSTAS ELÉTRICAS DA

Montadora alemã acelera o lançamento de modelos 100% elétricos ou híbridos plug-in para defender sua posição no segmento de luxo

Hugo CILO

Cayenne, 911 Carrera, Taycan... Alguns dos mais icônicos modelos da alemã Porsche logo serão protagonistas da marca no segmento de elétricos. Em 19 de junho, a marca vai lançar oficialmente no Brasil o novo Cayenne E-Hybrid, que se somará a demais modelos eletrificados da empresa no País. A supermáquina é equipada com um motor V6 turbo de 3,0 litros que, combinado com o motor elétrico, produz uma potência total de 462 cv. Ele pode acelerar de 0 a 100 km/h em apenas 5 segundos, com uma velocidade máxima de 295 km/h. Este modelo oferece a flexibilidade de dirigir em modo totalmente elétrico, ideal para trajetos curtos e urbanos, ou em modo híbrido para viagens mais longas.

No modo totalmente elétrico, o Cayenne E-Hybrid tem uma autonomia de cerca de 90 km, suficiente para a maioria dos deslocamentos diários. O sistema de recarga é compatível com carregadores domésticos e públicos, permitindo que a bateria seja recarregada em poucas horas. O Cayenne E-Hybrid mantém o luxo e a sofisticação característicos da Porsche. O interior é espaçoso e confortável, com assentos de couro de alta qualidade, sistema de som premium e uma vasta gama de tecnologias de assistência ao motorista. O sistema de infotainment é compatível com Apple CarPlay e Android Auto, garantindo uma experiência conectada e personalizada.

A Porsche também atualizou o icônico esportivo 911. O novo 911 Carrera GTS é o primeiro 911 destinado às ruas equipado com um sistema híbrido de desempenho superleve. O sistema de motorização inovador recém-desenvolvido, com 3,6 litros de cilindrada, proporciona um desempenho de condução significativamente aprimorado. O 911 Carrera GTS Coupé acelera de zero a 100 km/h em 3 segundos e atinge uma velocidade máxima de 312 km/h. Ele é alimentado por um motor boxer biturbo de 3,0 litros ligeiramente modificado, que é mais potente que seu antecessor. O novo 911 também apresenta um design reformulado, melhor aerodinâmica, interior renovado, equipamento padrão aprimorado e conectividade expandida.

Com o relançamento de seu modelo icô-

ESPORTIVIDADE DE SOBRA
O modelo Taycan (*à esq.*), 100% elétrico, e o 911 Carrera, com motor híbrido, são os mais esportivos da montadora alemã disponíveis no País

PORSCHE

nico, a Porsche modernizou quatro de suas seis linhas de modelos em apenas alguns meses: Panamera, Taycan, Macan e 911. "Nosso portfólio de produtos é mais jovem do que nunca e altamente atraente", disse o CEO Oliver Blume. "Oferece aos nossos clientes ainda mais opções de personalização e experiências exclusivas."

O principal exemplo da incursão da Porsche no mercado de veículos 100% elétricos é o Taycan. O modelo representa uma nova era para a marca, combinando tecnologia de ponta com a tradicional experiência de condução Porsche. Este modelo foi concebido para oferecer desempenho excepcional, com várias versões, incluindo o Taycan 4S, Taycan Turbo e Taycan Turbo S.

LANÇAMENTO EM JUNHO
O Cayenne E-Hybrid será apresentado no dia 19 e chega para reforçar as opções eletrificadas da marca no mercado brasileiro

VELOCIDADE O Taycan Turbo S, a versão topo de linha, é capaz de acelerar de 0 a 100 km/h em apenas 2,8 segundos, rivalizando com alguns dos supercarros mais rápidos do mundo. Equipado com um sistema de tração integral e dois motores elétricos, um em cada eixo, ele oferece uma potência combinada de até 750 cv (com a função overboost ativada). Uma das características mais impressionantes do Taycan é seu sistema de 800 volts, que permite carregamentos ultrarrápidos. Em estações de carregamento compatíveis, é possível carregar a bateria de 5% a 80% em cerca de 22,5 minutos. Dependendo da versão e do estilo de condução, a autonomia varia entre 381 e 450 km (ciclo WLTP). O preço parte de R$ 699 mil.

O design do Taycan mantém a estética característica da Porsche, com linhas fluidas e aerodinâmicas, além de uma posição de condução baixa. O interior é moderno e luxuoso, incorporando materiais sustentáveis e tecnologias avançadas, como um cockpit digital e um sistema de infotainment altamente intuitivo.

Além do Cayenne, do 911 e do Taycan, a Porsche também oferece versões híbridas plug-in do Panamera. Estas versões combinam a elegância e o desempenho do sedan de luxo com os benefícios da eletrificação. O Panamera 4 E-Hybrid, por exemplo, possui uma potência combinada de 462 cv e uma autonomia elétrica de até 50 km, proporcionando uma condução dinâmica e eficiente.

A estratégia de eletrificação da Porsche não se limita ao desenvolvimento de novos modelos. A empresa está investindo significativamente na infraestrutura de carregamento e na sustentabilidade de sua cadeia de produção. A Porsche participa ativamente de iniciativas como a rede de carregamento Ionity, que está construindo estações de carregamento ultrarrápido em toda a Europa. Além disso, a fábrica de Zuffenhausen, onde o Taycan é produzido, utiliza energia 100% renovável, refletindo o compromisso da empresa com a sustentabilidade. **S**

POR PAULA CRISTINA

PETROBRAS

ACIONISTAS RESPIRAM ALIVIADOS COM MAGDA

Havia no mercado de capitais um encontro muito esperado. Era o que aconteceria entre Magda Chambriard, nova presidente da Petrobras, com os acionistas. Nesse primeiro encontro, parece que correu tudo bem. Magda falou ao mercado na segunda-feira (27) e foi, nas palavras das corretoras "um alívio". Prova disso foi o avanço de 2% nas ações PETR3, enquanto PETR4 avançava 2,7%. O movimento de alta seguiu terça-feira (28). Mas o que ela disse de tão bom? Na verdade, o que ela não disse foi o mais importante. Nenhum sinal de ingerência foi dado e, como dizem os americanos, "no news is good news".

De acordo com ela, segue valendo a política de preços "abrasileirada", em linha com os procedimentos implantados na administração anterior, em 2023. Ela disse não ser justo "contaminar" os preços da companhia com as volatilidades do mercado internacional. Ela reiterou que os dividendos continuarão a ser distribuídos, desde que haja lucros. A nova CEO terá foco em destravar novas explorações, sendo a principal a Margem Equatorial que tem reserva relevante e que ainda está em estágio inicial de pesquisas para a exploração. Para Emiliano Ribas, consultor de investimentos, a entrevista de Magda prova manutenção. "Fica mais evidente que o problema de Jean Paul Prates foi mais político que técnico", disse ele. O BTG Pactual, por sua vez, ressaltou a prevalência da "coerência econômica" na fala de Magda que, segundo o banco, indicou que o plano de expansão da empresa não sacrifica a rentabilidade da companhia. Um bom primeiro date. Ficam os votos para que essa relação continue saudável.

INDICADORES ECONÔMICOS

PIB CRESCIMENTO (FONTE: BANCO CENTRAL)	4º TRI/23	3º TRI/23	2º TRI/23	1º TRI/23	2023
PIB (DESSAZ.)	0,0%	0,0%	0,8%	1,3%	2,9%
PIB EM US$ BILHÕES *	2.173,2	2.103,7	2.039,4	2.005,9	2.173,2
ATIVIDADE **	**MAR/24**	**FEV/24**	**JAN/24**	**DEZ/23**	**NO ANO**
PRODUÇÃO INDUSTRIAL (IBGE)	-2,8%	5,4%	3,7%	0,9%	1,9%
VOLUME DE VENDAS NO VAREJO RESTRITO (IBGE)	5,7%	8,1%	3,9%	1,2%	5,9%
TAXA DE DESEMPREGO - PNAD CONTÍNUA (IBGE)	7,9%	7,8%	7,6%	7,4%	-
UTILIZAÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA (CNI) - DESSAZ.	78,4%	78,6%	78,5%	78,6%	-
INADIMPLÊNCIA ***	**MAR/24**	**FEV/24**	**JAN/24**	**DEZ/23**	**MÉDIA EM 2024**
PESSOA FÍSICA ATÉ 90 DIAS	4,3%	4,2%	4,2%	4,0%	4,2%
PESSOA F. ACIMA DE 90 DIAS	5,4%	5,5%	5,5%	5,6%	5,5%
PESSOA JURÍDICA ATÉ 90 DIAS	2,1%	2,2%	2,3%	2,0%	2,2%
PESSOA J. ACIMA DE 90 DIAS	3,2%	3,3%	3,3%	3,2%	3,3%

CONTAS PÚBLICAS (% PIB)* (A)	MAR/24 A ABR/23	FEV/24 A MAR/23	JAN/24 A FEV/23	DEZ/23 A JAN/23	NOV/23 A DEZ/22
RESULTADO NOMINAL	9,06%	9,24%	9,07%	8,91%	7,83%
RESULTADO PRIMÁRIO	2,29%	2,44%	2,25%	2,29%	1,22%
	MAR/24	**FEV/24**	**JAN/24**	**2023**	**2022**
DÍVIDA BRUTA DO GOVERNO GERAL	75,70%	75,53%	75,12%	74,42%	71,68%
DÍVIDA BRUTA INTERNA	66,35%	66,36%	65,95%	65,58%	62,70%
DÍVIDA BRUTA EXTERNA	9,35%	9,17%	9,17%	8,84%	8,98%
CONTAS EXTERNAS (US$ MILHÕES)	**ABR/24**	**MAR/24**	**FEV/24**	**JAN/24**	**NO ANO**
INVESTIMENTO DIRETO ESTRANGEIRO	-	9.591	5.012	8.741	23.345
EXPORTAÇÕES	30.920	27.731	23.462	26.737	108.849
IMPORTAÇÕES	21.879	20.502	18.222	20.511	81.114
SALDO COMERCIAL	9.041	7.228	5.240	6.226	27.736
SALDO EM TRANSAÇÕES CORRENTES	-	-4.579	-4.513	-5.307	-14.398
RESERVAS INTERNACIONAIS LÍQUIDAS	-	355.008	352.705	355.066	355.008
DÍVIDA EXTERNA TOTAL	-	355.733	353.378	344.888	355.733

300 milhões é o valor que a CCR pretende reduzir em sua conta anual de energia elétrica, ou 20% do custo, até 2026, afirmou o presidente executivo da operadora de concessões de mobilidade, Miguel Setas, em apresentação a investidores, o executivo reforçou o interesse da companhia no uso de energias renováveis.

110 milhões foi o valor pago pelo Banco Inter para se tornar o único acionista da empresa de pagamentos Granito, que após a conclusão da operação passará a se chamar Inter Pag. O Inter já tinha 50% do negócio e comprou a parcela restante, que era detida pelo Banco BMG. A conclusão do negócios depende da aprovação do Cade.

 | FOTOS: FLICKR | DIVULGAÇÃO

SEGURADORAS

INDENIZAÇÕES PARA O RS JÁ SUPERAM R$ 1,5 BILHÃO

O presidente da Confederação Nacional das Seguradoras (CNseg), Dyogo Oliveira, afirmou à DINHEIRO que as seguradoras já receberam o aviso de 23,4 mil sinistros referentes às perdas causadas pelas enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul. Os casos já avisados devem resultar em indenização de R$ 1,67 bilhão. O presidente da entidade, estima que o número final ainda vai evoluir, mas que não haverá dificuldade em honrar os pagamentos.

Os avisos automotivos e imobiliários são os mais recorrentes. Com, respectivamente, 8.216 e 11.396 notificações até o momento, os bens lideram os pedidos de indenização notificados. Em termos de valores, as indenizações para veículos somam R$ 557,4 milhões, enquanto as residenciais e habitacionais totalizam R$ 239,2 milhões. Os demais segmentos têm pedidos em menores quantidades. Foram também registradas 385 notificações na área de grandes riscos (R$ 507 milhões), 996 solicitações no ramo agrícola (R$ 47,3 milhões) e 2.450 casos em outros segmentos (R$ 322,1 milhões). Segundo ele, a atualização dos valores será feita em quatro semanas.

PRINCIPAIS ÍNDICES

INFLAÇÃO	ABR/24	MAR/24	FEV/24	NO ANO	12 MESES
IPC - FIPE	0,33%	0,26%	0,46%	1,51%	2,77%
IGP-M (FGV)	0,31%	-0,47%	-0,52%	-0,60%	-3,04%
IGP-DI (FGV)	0,72%	-0,30%	-0,41%	-0,26%	-2,32%
IPCA (IBGE)	0,38%	0,16%	0,83%	1,80%	3,69%
IPCA - NÚCLEO MM SUAVIZADO	0,30%	0,24%	0,42%	1,48%	4,15%

JUROS/APLICAÇÃO	ABR/24	MAR/24	FEV/24	NO ANO	12 MESES
CDI	0,89%	0,83%	0,80%	3,53%	12,32%
TLP	0,47%	0,42%	0,40%	1,77%	5,43%
POUPANÇA	0,60%	0,53%	0,51%	2,25%	7,63%
TJLP	0,54%	0,53%	0,53%	2,14%	6,79%
CDB/RDB - TAXA PREFIXADA MÉDIA	0,85%	0,74%	0,73%	3,25%	11,12%

CÂMBIO/PETRÓLEO	20/05/2024	NO MÊS	NO ANO	12 MESES
REAIS/US$ (COMERCIAL VENDA)	5,109	1,24%	-5,23%	-2,75%
US$/EURO	1,086	1,66%	-1,74%	0,51%
IENE/US$	156,10	0,95%	-9,35%	-11,16%
PETRÓLEO À VISTA BRENT (US$/BARRIL)	83,69	-4,75%	8,63%	10,13%

MERCADOS FUTUROS 20/05/2024	JUN/24	AGO/24	OUT/24	DEZ/24
CÂMBIO (R$/US$)	5,113	5,145	5,175	5,205
	JUN/24	AGO/24	OUT/24	DEZ/24
DI DE 1 DIA (% A.A.)	10,40	10,36	10,36	10,38
	JUN/24	AGO/24	OUT/24	DEZ/24
IBOVESPA (PONTOS)	128.588	130.616	132.613	134.592
	MAI/24	JUL/24	SET/24	DEZ/24
CAFÉ ARÁBICA (60KG - ICF)	253,40	257,95	251,00	248,05

AUSTIN

RENTABILIDADE DOS TÍTULOS PÚBLICOS (%)

*20/mai/24 (inclui JS = Juros Semestrais)

TÍTULO	VENC.	INDEXADOR	Últim. 30 dias	ano *	12 MESES
Tesouro Selic 2024	01/09/2024	Selic	0,83%	4,15%	12,17%
Tesouro Prefixado (JS) 2025	01/01/2025	Prefixado	0,82%	3,50%	12,52%
Tesouro IPCA+ (JS) 2024	15/08/2024	IPCA	0,62%	4,32%	10,66%
Tesouro IGPM+ (JS) 2031	01/01/2031	IGP-M	1,10%	-0,51%	4,63%
Tesouro Prefixado 2024	01/07/2024	Prefixado	0,80%	4,02%	12,66%

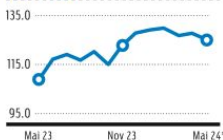
TERMÔMETRO DO MERCADO

O IBOVESPA EM UM ANO *	PONTOS
Ibovespa	124.495
Mínima	124.388
Máxima	131.689

Fonte: B3* Até 27/05/2024

*Até 27/05/2024

INÊS 249

ESTÁ PRATICAMENTE ELABORADA A MP QUE VAI DEFINIR A QUESTÃO DO CRÉDITO ÀS GRANDES EMPRESAS. E ELA VAI SURPREENDER POSITIVAMENTE

GERALDO ALCKMIN,
vice-presidente da República, sobre ajuda ao RS

+ 33%

Foi o avanço do lucro líquido do PagBank, para R$ 522 milhões no primeiro trimestre de 2024. Este é o maior resultado registrado pelo banco em um trimestre. O banco chegou à marca de 31,4 milhões de clientes, alta de 2,7 milhões em um ano.

15 bilhões em empréstimos do BNDES serão destinados a grandes empresas gaúchas, informou o vice-presidente e ministro do Mdic Geraldo Alckmin. As companhias beneficiadas serão definidas em reunião entre Lula e Fernando Haddad (Fazenda).

R$

R$ 441 bilhões foi o volume movimentado pelo mercado ilegal no Brasil em 2023, segundo o Fórum Nacional Contra Pirataria e Ilegalidade. O resultado representa alta de 7,5% sobre o ano anterior. Desde 2014, os prejuízos triplicaram.

- 0,54%

Foi a queda na cotação do boi gordo na sexta-feira (24). Com o resultado, a arroba de 15 quilos do produto passou a custar R$ 222,50, no Estado de São Paulo. Entre os frangos congelado e resfriado, os preços se mantiveram estáveis.

A ex-atleta e socialite Caitlyn Jenner criou uma confusão no mercado de criptomoedas na segunda-feira (27) após suas contas nas redes sociais começarem a divulgar uma criptomoeda com o seu sobrenome. O ativo já movimentou mais de US$ 100 milhões em investimentos, e chamou atenção das autoridades americanas sobre a possibilidade de golpe. De acordo com a SEC, já foram identificados 22 golpes, apenas em 2024, usando nomes de celebridades para fins de estelionato.

 FOTO: FLICKR

INÊS 249

O QUE FALTA PARA CRIPTO SE TRANSFORMAR EM UMA CLASSE DE ATIVOS

NORBERTO ZAIET
É ECONOMISTA, EX-CEO DO BANCO PINE E FUNDADOR DA PICEA VALUE INVESTORS, EM NOVA YORK

"A gente foge da centralização, mas ela sempre volta". Esse foi o comentário de um dos palestrantes durante a Conferência "Crypto and Blockchain Economics Research (CBER) Forum", que aconteceu na semana passada no Henry Kaufman Management Center, da Universidade de Nova York (NYU). O evento, que ocorre anualmente desde 2020, reúne os pesquisadores mais atuantes no universo das criptomoedas.

A conferência teve como destaque a palestra da excelente professora Maureen O'Hara, da Universidade Cornell. Ela é expert em microestruturas de mercado e frequentemente publica trabalhos de pesquisa em banking, intermediários financeiros, blockchain e mercados cripto. Seu currículo é extenso, e seu trabalho de pesquisa a posiciona entre as maiores especialistas em pesquisa quantitativa no mundo. Segundo O'Hara, três obstáculos precisam ser superados para que o mercado cripto realmente se transforme em uma classe de ativos: valuation, mecânica de negociação e aspectos legais.

> **"A boa notícia é que, no aspecto da mecânica de negociação, os ativos cripto mostram resultados bastante positivos. Aqui, sim, as ferramentas de negociação funcionam bem quando aplicadas ao ambiente cripto"**

O primeiro e mais preponderante é, sem dúvida, o valuation. A determinação do valor desses tokens ainda é incerta, e para que os investidores institucionais abracem esse mercado — e o transformem em uma classe de ativos — esse quebra-cabeças precisa ser solucionado. Até agora, os players têm procurado formatar o valuation em termos de uma estrutura conhecida, seja por fluxos de caixa descontados ou por metodologias que tentam identificar o valor com base em efeitos de rede e número de usuários, como boa parte das empresas de tecnologia são analisadas. Essa abordagem não convenceu.

Além disso, quando incorporados a um portfólio, esses ativos não produzem efeitos de diversificação suficientes para atrair os investidores institucionais. Em outras palavras, os ativos cripto não oferecem aquela pitada de mais retorno com menor volatilidade que os gestores institucionais procuram. Ao final, o valuation é complicado porque, por enquanto, não há um caso convincente que justifique a utilização desses tokens.

A boa notícia é que, no aspecto da mecânica de negociação, os ativos cripto mostram resultados bastante positivos. Aqui, sim, as ferramentas de negociação e de gerenciamento de riscos utilizados nas classes de ativos tradicionais funcionam bem quando aplicadas ao ambiente cripto. Suas análises concluíram que a dinâmica do volume de negociação em certos ativos mais líquidos, como Bitcoin e Ethereum, pode servir como elemento preditivo da dinâmica de preços nesses mercados, assim como já são em classes de ativos mais tradicionais. Ou seja, a formação dos preços de compra e venda nessas moedas parece possuir a mesma dinâmica que determina os valores de ativos tradicionais.

Finalmente, o ambiente regulatório. Aqui, fora do escopo de pesquisa quantitativa, o universo cripto precisa de regras claras e estabelecidas: são commodities ou são securities? Qual é o kit regulatório que vai governar o mercado à vista desses tokens? Enquanto o tema legal for incerto, a adoção institucional não acontecerá.

A busca pela descentralização, nevrálgica no universo cripto, luta contra o que parece uma lei da natureza: a centralização, considerada o estado natural. Entretanto, depois de um dia imerso nesse ambiente extremamente técnico, com estudiosos das maiores e melhores universidades do mundo, dois pontos ficam bastante claros: a busca pela descentralização não vai parar e há pesquisa, inteligência e dinheiro direcionados a encontrá-la. Esses tokens vieram para ficar — e a maratona para transformá-los em uma classe de ativos continua firme.

INÊS 249

ARTIGO

POR **VINICIUS BRUM***

INOVAÇÕES TENDEM A REVOLUCIONAR FORMA DE LIDAR COM SEGURANÇA NO TRÂNSITO

O uso combinado de soluções de analytics avançado e IA com machine learning possibilita a operação de programas eficazes

O uso de dados para orientar a tomada de decisão é capaz de trazer uma série de benefícios para a sociedade e organizações, como maiores assertividade e eficiência de processos. Quando o tema sai do âmbito corporativo e chega às estradas do País, essas informações deixam de ser somente um diferencial competitivo e passam a salvar vidas. Cada vez mais, a tecnologia é uma aliada na prevenção de acidentes, com inovações que revolucionam a forma como lidamos com a segurança no trânsito.

Mas ainda há muito espaço para o desenvolvimento de soluções. Isso significa avançarmos ainda mais para o conceito das cidades inteligentes. Uma reflexão importante — sobretudo neste mês de Maio Amarelo, que pinta o calendário exatamente com a cor que nos semáforos pede cautela — para chamar a atenção de toda a sociedade para o alto índice de mortos e feridos no trânsito.

Ainda que haja um número crescente de boas práticas, é importante ir além, ainda mais quando a tecnologia pode alavancar melhorias mais significativas. Por exemplo: muito se fala sobre sinais de trânsito inteligentes e radares. Mas o uso massivo de dados gerados pelas cidades não serve apenas para controlar o trânsito: ajuda a prever a ocorrência de acidentes. É uma mudança de mentalidade: em vez de reagir às ocorrências indesejadas e aprender com elas, passamos a antecipá-las e a mobilizar os equipamentos públicos de forma inteligente para evitar que aconteçam. Isso é predição de acidentes.

O uso combinado de soluções de analytics avançado e IA com machine learning possibilita a operação de programas eficazes. A consultoria Falconi, pioneira em soluções gerenciais nesse tema, apoiou Brasília a reduzir em 51% o número de acidentes fatais. Outro exemplo é o programa da Secretaria Nacional de Trânsito (Senatran) para redução de acidentes: usa um algoritmo para predição de colisões que trabalha com taxas de assertividade superiores a 80% nas cidades de São Paulo e Belo Horizonte, além de um trecho de uma rodovia federal na Paraíba.

Só que quando falamos de dados, não podemos nos limitar às informações básicas. É preciso organizar bancos de dados mais amplos e que tragam, por exemplo, informações climáticas e de eventos da região. Desta forma, modelos de inteligência artificial serão mais eficazes e órgãos de trânsito poderão gerar conhecimento com insumos de muito mais valor.

A disponibilidade dos dados, no entanto, é um fator dificultador pela forma ainda analógica de coletá-los ou pela fraca integração entre os órgãos. Às vezes, sequer há estatísticas estruturadas ou confiabilidade mínima. Outra dificuldade é o próprio paradigma da gestão pública em se organizar, sistemicamente, para produzir resultados. Em muitas instituições ainda há lacunas enormes de produtividade e eficiência que impedem as articulações necessárias para operarem como modelos de negócio baseados em tecnologia ou de estabelecerem uma governança eficaz.

Nesse cenário, as parcerias público-privadas são mais que bem-vindas. Em muitos casos, dados que os governos têm são diferentes dos coletados pelo setor privado. Estabelecida a cooperação de informações para o compartilhamento responsável dos dados, as informações seriam melhor qualificadas e as decisões mais eficazes. Ou seja: possibilitariam um salto em eficiência gerencial e qualidade de vida.

Com relação à segurança dos dados, usualmente modelos de análise como esses não requerem a identificação do cidadão, mas sim as características gerais e da ocorrência que ele se envolveu. Dados anonimizados funcionam muito bem, de forma que todas as regras e leis vigentes com relação à segurança da informação possam ser respeitadas sem prejuízo dos benefícios que as tecnologias trazem. Inclusive, já se fala em modelos onde o próprio cidadão fornece seus dados e é monetizado por contribuir com informações que melhoram a gestão pública e as suas decisões.

Políticas públicas trazem regras para o presente e para o futuro baseadas em observações do passado — mas, eventualmente, algumas delas têm validade curta, principalmente em função da velocidade com a qual as mudanças ocorrem. Já os modelos preditivos olham para frente. Se associarmos essa variável nas discussões de trânsito, certamente teremos decisões de melhor qualidade, focadas no cidadão e, sobretudo, de eficácia muito mais longeva.

**Vinicius Brum é vice-presidente da Falconi para soluções de Saúde & Farma, Educação, Saneamento e Serviços Públicos*

INÊS 249

TOKIO MARINE HALL

PRA ONDE VOCÊ RESOLVER IR,
A MÚSICA TE LEVA

TOKIOMARINEHALL.COM.BR

Cia. Aérea Oficial: Azul | Mídia Partner: uol | Apoio: ESTANPLAZA HOTELS

Realização: grupo Tom Brasil

Seguimos todos os protocolos internacionais de segurança e higienização. Menores de 16 anos somente acompanhados dos Pais ou Responsável Legal.
Os descontos não são válidos para meia entrada. Pré-venda (mínimo de 48 horas de antecedência do público geral) exclusiva para segurados ou colaboradores da Tokio Marine Seguradora S.A. ou corretores cadastrados no Portal do Corretor. Na pré-venda os 50 primeiros segurados ou colaboradores ou corretores têm direito a compra de 04 ingressos, por CPF, com desconto exclusivo de 50%. Atingidos os 50 primeiros CPFs e ainda estando dentro das 48 horas da pré-venda, segurados ou colaboradores ou corretores terão 20% de desconto até o limite de 30% da carga de ingressos. Após a pré-venda será aplicado o desconto de 20% para segurados ou colaboradores ou corretores, não cumulativo com outras promoções e limitado a 4 ingressos por CPF. Segurados passam a ter direito ao desconto um dia após a emissão da apólice e até o término da vigência do seguro. Seguros adquiridos por meio de apólices coletivas, certificados e bilhetes não participam da promoção. Todos os descontos desse regulamento são aplicados no valor do ingresso na data da compra e NÃO são cumulativos com outros descontos e outras promoções. A compra da meia-entrada é pessoal e intransferível e a legitimidade está condicionada à apresentação dos documentos que comprovem esta condição na entrada do espetáculo, conforme LEI N° 7.844 DE 13 MAIO DE 1992. Capacidade máxima = 4.900 pessoas | Alvará Prefeitura:2024/02785-00 Val:16/05/2025 | Alvará Bombeiro: n° 605304 Val:06/10/2024. R. Bragança Paulista, 1281 | www.tokiomarinehall.com.br | GRUPOS: (11) 5646.2120

INÊS 249